

OUÇAM AS CRIANÇAS

Compilado por Annejet Campbell

Ilustrações de Elizabeth Goward

EDIÇÕES REARMAMENTO MORAL

Este livro, cujo título em inglês é
"Listen to the Children", foi compilado
por Annejet Campbell e publicado na
Inglaterra em junho de 1979

Copyright Annejet Campbel em 1979

Índice

Introdução

- 1 Ouçam as crianças
- 2 Enfrentando juntos os problemas
- 3 Pais e adolescentes
- 4 Educando os pais
- 5 O poder da família

Introdução

A IDÉIA deste livro surgiu de uma conversa durante o café da manhã. Éramos doze mulheres, das mais diferentes nacionalidades conversando sobre nossas famílias. Estávamos conversando sobre nossos fracassos e sucessos ao enfrentar cóleras, caprichos, arrufos, furtos e ciúmes em nossos filhos pequenos e adolescentes – e em nós próprias.

Todas nós estávamos cientes da monumental crise por que passa a família moderna e do fato de que quase metade dos casamentos, de um lado a outro do mundo, terminam em divórcio. Nós todas considerávamos isto como uma ameaça ao mundo em geral, mas principalmente para o mundo em que nossos filhos irão viver. Naquele momento, no entanto, estávamos falando dos pequenos problemas que uma esposa e mãe enfrenta no dia a dia e que tendem a se transformarem em grandes problemas que, em geral, terminam mal.

Sentimos que a troca honesta de experiências nos havia sido útil e decidimos manter contatos posteriores. Ao fim do café, Florence Moorman, uma professora que ensina pelo método Froebel, mãe de três filhos e natural de Bristol, disse, “Por que não publicamos um livro com essas histórias? Talvez elas possam ajudar outras mães tanto quanto nos ajudaram hoje.”

Florence e eu decidimos selecionar as histórias e obter outras através de cartas para amigas de todas as partes do mundo. Queremos agradecer a todos que nos escreveram. Gostaríamos de publicar todas elas, mas foi necessário fazer uma seleção para a publicação do livro.

O tema comum a todas estas histórias é a experiência de que ouvir a voz da consciência pode dar início a uma nova maneira de conviver com os outros.

Parece-nos adequado que a publicação desse livro se dê agora, em 1979, e ele é nossa contribuição para o Ano Internacional da Criança. É evidente que nem todas as histórias nos sejam favoráveis e que nem todas elas podem ser definidas como 'sucessos'! Elas oferecem, no entanto, uma alternativa que pode vir a ser útil a outras pessoas.

Meu objetivo foi o de deixar as pessoas falarem tão abertamente quanto possível e reduzir ao mínimo meus comentários editoriais. Minhas observações estão impressas em itálico.

ANNEJET CAMPBELL

1 Ouçam as crianças

PAUL, MEU MARIDO, e eu somos de origens completamente diferentes. Ele nasceu no campo, no interior do Canadá. Sua mãe era de Yorkshire e seu pai, um pastor batista escocês. Eu sou filha de um industrial holandês e cresci com meus três irmãos durante a ocupação da Holanda. Tanto meu pai quanto minha mãe estiveram em campos de concentração em ocasiões diferentes. A única coisa que meus pais tinham em comum com os pais de Paul era uma forte fé em Deus, uma fé fortalecida na árdua luta do campo e nos perigos da guerra.

Tanto Paul quanto eu, cada um à sua maneira, perdemos esta fé e tivemos que reencontrá-la por nosso próprio esforço. Nessa época ele era um jovem médico bem sucedido e trabalhava no Hospital Henry Ford em Detroit. Eu, uma jovem rebelde de vinte anos, estava em Paris estudando francês e modas. Nossa determinação em levar nossa fé aos indivíduos e às nações fez com que nos aproximássemos um do outro. Casamo-nos em 1957 e agora residimos em Londres com nossas duas filhas, Edith Anne, de dezesseis anos, e Digna de Doze.

Este livro começa com elas. No verão do ano passado, o Ano Internacional da Criança, apresentei uma série de perguntas às minhas filhas, pois julgava que neste ano elas deveriam ter uma oportunidade especial de expressar seus sentimentos e aspirações.

O que vocês sentem, perguntei, quando Paul e eu não damos atenção às suas idéias? As respostas foram claras e penetrantes:

- Não sinto vontade de fazer nada do que vocês me pedem.
- Sinto vontade de atirar os pratos no chão para atrair sua atenção, principalmente quando temos visitas em casa.
- Eu me sinto negligenciada.

OUÇAM AS CRIANÇAS

- Fico achando que minhas idéias não valem nada.
- Tenho vontade de fugir de casa.

Como vocês se sentem quando prestamos atenção ao que estão dizendo?

- Eu me sinto segura.
- Sinto que posso conversar sobre qualquer assunto com vocês.
- A vida não é tensa.
- Sinto que posso ser eu mesma.

Na sua opinião, porque os pais não escutam o que os filhos dizem?

- Eles estão muito voltados para si próprios.
- Eles se sentem superiores e pensam que sabem mais.
- Eles receiam que sejam ultrapassados pelas idéias de seus filhos.
- Eles não querem perder tempo.
- Eles pouco se incomodam conosco.

Como você gostaria que o mundo fosse?

- Um mundo em que todos fossem livres.
- Em que todas as pessoas tivessem alimento suficiente, habitações adequadas e trabalho.
- Um mundo sem guerras.
- Os conflitos deveriam ser resolvidos através de diálogo e não de lutas sangrentas.
- Certas leis são necessárias; se cada um fizesse o que bem entendesse surgiria o caos.
- A família deveria ser uma célula de união e segurança. Não deveria haver divórcio.
- Todas as crianças deveriam ter igual oportunidade de ir à escola.
- Não deveria existir discriminação de cor em lugar algum do mundo.

Será essa a imagem do mundo tal como a merecem nossos filhos? A verdade é que eles não pediram para nascer e no entanto herdaram os problemas que nós criamos.

Seguem-se algumas histórias sobre o que pode acontecer se levarmos a sério o que as crianças estão tentando nos dizer. A primeira é de uma amiga que reside em Cape Town na África do Sul.

OUÇAM AS CRIANÇAS

Nossas duas filhas têm personalidades bastante diferentes. Clare de oito anos, é uma menina suave, introspectiva e muito cônica de sua dignidade. Ela é cautelosa e quer ter certeza que conhece todos os fatos antes de tomar qualquer atitude.

Vicky, três anos mais nova, é extrovertida, com uma energia que parece não ter fim. Bastaria observar como ela se atira com entusiasmo na parte funda da piscina, apesar de praticamente não saber nadar, para poder sentir sua maneira de se entregar à vida.



Em nossa família, surgiram todos os ciúmes e competições normais entre duas crianças quaisquer. No ano passado, Clare de repente explodiu, "Mamãe, eu odeio a Vicky. Será que a gente não poderia trocar ela por outro bebê?"

Minha primeira reação foi responder, "Que nada, você não odeia ela de verdade", e tentar minimizar as coisas. Depois pensei, "Isto não está certo. É melhor eu aceitar que se Clare diz que ela odeia, então ela odeia."

OUÇAM AS CRIANÇAS

Esprei alguns dias até o assunto surgir novamente. Então, contei à Clare como às vezes, quando eu era criança, eu também tinha odiado meu irmão.

“É verdade, Mamãe? O que você fêz?”

Então, disse-lhe como eu havia decidido pedir desculpas a meu irmão pelo ciúme e como pouco a pouco, nós nos tornamos amigos. Disse-lhe como é importante transformar a raiva em afeto, porque de outro modo não haveria solução para as lutas da Irlanda ou as divisões na África do Sul — países onde já havíamos residido.

Na hora, nada de dramático aconteceu, mas Clare entendeu a mensagem. Algumas semanas mais tarde ela me disse, “Sabe de uma coisa, eu agora estou gostando um pouquinho mais da Vicky.” E, quase sempre são boas amigas.

Quando minha filha Digna tinha seis ou sete anos, ela chegou do colégio um dia dizendo, “Eu não quero ir ao colégio amanhã. Não gosto mais da escola. Não fiz nenhum comentário na hora. Um pouco mais tarde, sugeri a ela que fizesse uma lista das coisas que ela não gostava no colégio. Ela pegou um pedaço de papel e escreveu cinco itens:

É barulhento.

Eu fico encabulada.

Fico cansada.

É um pouco chato.

Ninguém brinca comigo na hora do recreio.

O último item parecia ser o verdadeiro problema. Nós conversamos um pouco sobre o assunto e sugeri que no dia seguinte ela procurasse uma outra menina, assim com jeito de quem está perdida e sozinha e que tentasse se tornar amiga dela. No dia seguinte, ela foi para o colégio sem reclamar, e desde então vem gostando cada vez mais do colégio e fazendo uma porção de amigas.

E agora a história que me enviou uma amiga canadense que realizou uma série de programas para a televisão, sobre a vida em família na sua cidade.

Quando minha filha Ellen tinha quatro anos de idade viu um retrato do pai que costumava passar longo tempo fora de casa por exigências do trabalho, e disse, “Oi, Papai”, e em

OUÇAM AS CRIANÇAS

seguida começou a choramingar e lastimar-se pedindo, "Quando é que meu Papai vai voltar para casa?"

Achei que tinha três escolhas: chorar com ela porque eu também sentia muita falta dele, ficar zangada e manda-la para o quarto, ou tentar algo diferente.

Sugeri, então, "Você gostaria de contar isto para Jesus?"

Ela pensou um pouco, e respondeu, "Está bem." Ajoelhou-se e disse, "Querido Jesus, eu quero muito que meu Papai volte para casa porque gosto muito dele. Até logo Jesus."

Seu rosto alegrou-se e ela me disse, "Sabe o que Jesus falou? Ele disse que o Papai tinha que ficar longe um pouco mais e que depois ele voltaria para casa para me ver," e saiu cantando.

É comum nós nos sentirmos superiores a nossos filhos e considerar suas sugestões impraticáveis ou simplesmente tolas. Mas eles podem estar com a razão.

Uma amiga francesa me contou sua experiência.

Quando nosso segundo filho tinha cerca de três meses de idade, costumava ter crises horríveis todas as tardes, por volta das seis horas, e nada o fazia parar de chorar. Não sabíamos o que fazer. Uma noite, na hora do jantar, sugeri que ficássemos em silêncio para pensar sobre o que fazer.

Nosso filho mais velho, que na época tinha seis anos, sugeriu que cantássemos uma determinada canção para o bebê. Achamos a solução simples demais, mas ficamos ao redor do berço e cantamos. O bebê parou de chorar e dormiu. Por incrível que pareça este foi o fim da choradeira diária. Desde então, sempre cantamos a mesma canção para o menino adormecer.

Uma professora de música do Canadá nos enviou uma história semelhante.

Era um domingo de manhã e estávamos todos sentados à mesa do café, pensando como seria bom passar um dia repousando, já que a semana havia sido exaustiva. Jane, de quatro anos de idade, declarou com bastante firmeza que ela achava

OUÇAM AS CRIANÇAS

que nós devíamos ir todos à Igreja. Tentamos fazer com que desistisse da idéia, mas ela persistiu.

Um amigo irlandês que estava hospedado conosco sugeriu que parássemos de discutir e perguntássemos a Deus o que Ele gostaria que fizéssemos. Nós nos calamos e todos pensamos que deveríamos ir à Igreja. Tivemos que nos apressar para chegar a tempo.

O pastor fêz um relato de como havia encontrado uma solução para uma amargura profunda que ele havia tido em relação a alguém. Contou este incidente de uma maneira simples e sincera. Depois do serviço religioso, tivemos oportunidade de conversar com ele e com vários outros casais. Nosso convidado irlandês relatou então como estava sendo solucionada a animosidade entre indivíduos e comunidades em seu país.

Se não tivesse sido Jane, jamais teríamos tido aquela experiência.

A mulher de um fazendeiro da Nova Zelândia escreve:

Nós tínhamos uma 'criança problema' — uma menina que se pudesse não comeria nunca. As refeições se tornaram batalhas que se estenderam por três anos, durante os quais tentei todas as soluções possíveis! Já sem forças para lutar, fui desafiada a pedir a Deus para me mostrar a solução. No silêncio que se seguiu, lembrei-me do ressentimento que havia sentido quando engravidei desta menina. Havia negado este sentimento e tentado afastá-lo de mim por não ser digno de uma 'mãe cristã', e havia me esquecido totalmente dele depois do nascimento da criança. Agora eu sentia como se Deus estivesse pondo Seu dedo no ressentimento que havia no fundo de meu coração. Quando a criança se mostrava difícil, eu me tornava áspera. Isto vinha daquele ressentimento. Era este o nosso problema.

Quando me dei conta do que isto representava na vida dela, só pude chorar e me arrepender, e pedir a Deus para me orientar. Senti-me livre e perdoada. Quando passei a obedecer a ordem simples que Ele me deu — nunca mais forçá-la a comer — o problema foi solucionado da noite para o dia. Minha filha nunca mais se recusou a comer.

OUÇAM AS CRIANÇAS

Às vezes perdemos muito tempo com palavras, quando na realidade deveríamos tentar criar uma atmosfera na qual a criança possa escutar sua própria consciência. Uma mãe de quatro filhos que vive na Holanda, enviou-me esta história.

Nosso filho mais moço, Tom, de doze anos de idade, chegou um dia em casa para o almoço, muito pálido. Ele disse, "Hoje à tarde é o dia de esportes lá no colégio mas eu não vou porque tenho muito que estudar e estou muito cansado."

Precisava de minha permissão para ficar em casa. Achei que não devia permitir — mas na verdade não estava muito segura. Fui para a cozinha. Tom me acompanhou tentando que eu concordasse com ele.

Eu disse, "Vamos nos sentar um minuto sem conversar — só pensar."

Minha única conclusão foi, "Ele tem de decidir isto sozinho."

Um minuto depois, ele pulou da cadeira dizendo, "Se eu correr bastante talvez ainda possa chegar a tempo," e saiu correndo pela porta.

Como pais temos uma forte tendência a proteger nossos filhos de qualquer coisa desagradável. A verdade às vezes é dolorosa no início, mas pode ajudá-los a se prepararem para a realidade do mundo. Uma amiga inglesa me contou sua experiência.

Minha única filha Phoebe, está agora com sete anos. No ano passado duas de suas amigas ganharam, uma, um irmãozinho e a outra, uma irmãzinha. "Eu quero uma irmãzinha ou um irmãozinho — acho que prefiro uma irmãzinha," vivia implorando. E ficava me observando na esperança de me ver aumentar de tamanho. Tentei evitar o assunto dando a ela respostas evasivas. Mas eu sabia que nós não podíamos ter outra criança.

Fomos passar um dia com uma amiga e conversei com ela sobre o assunto. "Você acha que deve continuar a manter a menina neste suspense?" Ela me perguntou.

Pensei sobre o assunto e decidi conversar francamente com Phoebe quando aparecesse uma oportunidade. Um dia, quando caminhávamos juntas pela praia eu lhe disse, "Sabe

OUÇAM AS CRIANÇAS

de uma coisa, o Papai e eu gostaríamos muito de lhe dar uma irmãzinha ou um irmãozinho, mas infelizmente não podemos." Contei-lhe sobre o bebê que eu havia perdido antes dela nascer e ela me fez várias perguntas.

Quando voltamos para casa, de repente ela disse, "Porque é que você tinha de me contar," e saiu correndo para o quarto onde a encontrei em prantos sobre a cama. Senti-me desanimada e me perguntei se havia feito a coisa certa. Ela veio almoçar ainda meio chorosa. Passado um tempo, ficou mais alegre e passou a ser muito comunicativa com nossa anfitriã. Parecia outra criança.

Naquela tarde foi convidada para tomar chá com uma família vizinha. Durante o banho desta noite Phoebe me disse, "Contei tudo para Dona X., porque você não pode ter outro bebê."

"Meu Deus", pensei, "o que será que ela andou dizendo?"

"E", prosseguiu Phoebe, "ela disse que também perdeu dois bebês."

Com isso, também parei de sentir que ela estava sendo privada de alguma coisa, e passei a me sentir grata pelo que nós temos. Eu venho de um lar desfeito. Tenho uma irmã, mas meu pai abandonou o lar quando eu tinha oito anos. Acho que um passado destes pode ser muito mais prejudicial para uma criança. Como filha única, Phoebe tem de se esforçar para fazer amigas. Nós moramos no exterior e mudamos frequentemente de lugar, de forma que ela tem tido a oportunidade de fazer muito boas amizades.

Uma outra amiga conta como seu filho conseguiu vencer seu medo de ser molestado no colégio.

Nicky tinha seis anos de idade. Ele gostava da escola. Só havia um problema; todas as tardes um menino de dez anos bem maior do que ele, depois das aulas corria atrás dele. Nicky tentava fugir mas Peter o alcançava e começava a fazê-lo tropeçar, jogava seu chapéu na lagoa e assim por diante. Nicky tinha medo deste menino. Ofereci-me para buscá-lo à saída do colégio mas ele achou que 'isso era coisa de bebê'.

Uma noite, na hora de ir para a cama, ele perguntou a Jesus o que fazer. De repente, seu rosto se desanuviou e disse,

OUÇAM AS CRIANÇAS

"Jesus disse que os cachorros correm atrás dos gatos porque os gatos têm medo e saem correndo em disparada. Amanhã não vou correr e vou esperar Peter e voltar para casa com ele e tentar ficar amigo dele porque ele não tem nenhum!"

No dia seguinte eu os vi pela janela caminhando juntos como velhos amigos, na volta para casa. Ainda pararam no nosso portão para terminar a conversa. Aos poucos, os amigos de Nicky também tornaram-se amigos de Peter.



A diretora de um colégio inglês disse a uma amiga minha, "Os pais estão dispostos a dar tudo, menos tempo a seus filhos." Nenhuma mesada substitui o tempo dedicado aos filhos. Uma mãe nos escreve da Escócia:

Quando as crianças são pequenas a mãe necessariamente tem que dispender muito tempo com elas. À medida em que eles vão crescendo e podem fazer mais coisas sozinhos, tanto os pais quanto os filhos podem gozar dessa nova independência. Mas ainda é importante dispor de tempo bastante para ouvir o que os meninos querem me dizer. A melhor hora é em

OUÇAM AS CRIANÇAS

geral a hora de ir para a cama pois podemos bater um papo descontraído. Às vezes, ir lá em cima é para mim um verdadeiro esforço — estou cansada no fim do dia e acho que tenho o direito de relaxar!

Uma noite meu filho mais velho estava comparando sua mesada com a de um amigo. Ele descobriu que ganhava muito menos! Então disse, “É claro que eu gostaria de ter uma mesada maior, mas você e o Papai nos ensinam a escutar a Deus e isso é muito mais importante.” Depois de um minuto ele me contou sobre um amigo que ganhava uma mesada fabulosa e acrescentou, “Sabe de uma coisa, acho que os pais dele lhe dão tanto dinheiro para compensar tudo que não fazem por ele.”



Este mesmo aspecto é ilustrado por uma amiga suíça que já trabalhou com crianças de todas as nacionalidades.

Já reparei uma coisa: os pais geralmente prometem às crianças coisas materiais pensando que isto os fará felizes. Mas quando perguntei a alguns meninos de cerca de oito anos de idade o que os fazia felizes, nenhum deles mencionou coisas materiais. Suas respostas foram:

Fazer algo realmente difícil.

Ajudar alguém que esteja realmente necessitado.

E quando lhes perguntei se eles ficavam felizes quando obti-

OUÇAM AS CRIANÇAS



nham o que queriam, um menino irlandês respondeu, "Quando ganho *tudo* o que quero não me sinto feliz, sinto-me ganancioso."

Minha amiga suíça apresentou uma série de perguntas a um grupo de crianças de sete países diferentes, nas idades de sete a treze anos. Aqui vão algumas das respostas.

Qual é sua idéia de uma família perfeita?

- Uma família em que ninguém conta mentiras. Onde ninguém briga como Mamãe e Papai fazem às vezes.
- Onde a gente pudesse ver mais o Papai, principalmente na hora das refeições. Seria bom se nossos pais pudessem trabalhar menos para nós podermos conversar com eles quando precisamos deles.
- Onde os pais nos deixassem fazer as coisas sozinhos. Se eles só ficam nos dando ordens, nós nos tornamos robôs e não aprendemos nada.

O que as crianças podem fazer para mudar o ambiente em casa?

- Dizer a verdade.
- Admitir quando estamos errados.
- Podemos pedir desculpas.
- Todo mundo faz tanto barulho lá em casa que Mamãe fica zangada.

OUÇAM AS CRIANÇAS

Se nós ficássemos mais quietos ela não ficaria tão zangada.

- Ter mais tempo para, juntos, escutarmos a Deus.

Que tipo de coisa faz com que vocês briguem?

- Só pequenas coisas que acabam pegando fogo e depois se tornam grandes coisas.
- Se meu irmão ou minha irmã tem alguma coisa que eu não tenho, eu fico com ciúmes.
- Se os pais dizem não a um filho e sim a outro.

Como é que sua família poderia ajudar outras famílias?

- Contando a elas como nós pensamos lá em casa.
- Procurando fazer amizade com nossos vizinhos.
- Nós temos que ser unidos primeiro, antes de poder ajudar os outros.

Que tipo de coisas você gosta de fazer com sua família?

- Sair de férias.
- Conversar sobre os mais diferentes assuntos.
- Ir à floresta.
- Jogar pingue-pongue com Papai.

Como são feitas as decisões em sua família?

- Nós não decidimos.
- Cada um escreve num caderno o que ele gostaria de fazer.
- Decidimos à noite antes de fazermos nossas orações.
- Cada um dá sua idéia e Papai decide o que é melhor.

Porque as famílias são necessárias?

- Porque temos de comer.
- Para tomar conta de nós.
- A gente precisa de um pai para nos educar e nos ensinar a viver.

Para que servem os avós?

- Uma avó é uma senhora que não tem crianças dela mesma e então gosta das crianças dos outros.
- As avós não fazem nada, elas só estão presentes. Elas nunca dizem, "Anda rápido," ou, "Anda depressa, pelo amor de Deus."
- Elas são gordas, mas não muito pois elas conseguem amarrear nossos sapatos. Usam óculos e às vezes conseguem arrancar o nosso dente.
- Sabem as respostas para problemas como "Porque os cachorros odeiam os gatos" e "Porque é que Deus não é casado?"



- Quando elas lêem histórias para a gente, elas nunca pulam páginas nem se importam se a história é sempre a mesma.
- Todo mundo deveria ter uma avó, especialmente se não tem televisão.
- As avós são os únicos adultos que sempre têm tempo para você.
- A vovó sempre se lembra da gente e nos telefona. Ela sempre brinca com a gente. As avós têm seus limites, elas nos mandam para a cama e não nos dão bala antes do jantar.
- Os avôs não tem limites, eles só querem que a gente se divirta.
- Elas fazem com que nossas mães também se comportem.

O que uma criança entende por escutar a Deus? Eu pedi a Digna para me dar sua explicação.

Você se senta quietinha e não fica pensando em nada, você só fica ali sentada e deixa sua consciência solta, sabe como é? Você não ouve nenhuma voz estranha. Acho que Deus usa sua própria voz para lhe dizer alguma coisa, e você pode

OUÇAM AS CRIANÇAS



saber se é o diabo ou Deus que está falando, porque Deus só diz coisas boas ou mostra quando você está errado, e o diabo diz, "Ah, deixa para lá, você não precisa prestar atenção ao que Ele diz."

Eu estava na casa de uma amiga uma noite. Conversando na cama às onze hora da noite, sobre Deus, perguntei-lhe se ela acreditava n'Ele, e ela disse, "Acho que sim, mas não tenho muita certeza."

Perguntei, "Quando você briga com sua mãe, você escuta uma vozinha dentro de você dizendo, 'Vai pedir desculpas?'" e ela disse, "É, no outro dia eu tive uma grande briga com ela e eu disse para mim mesma, 'Eu não vou pedir desculpas' — mas aí uma voz dentro de mim disse, 'Você tem que pedir desculpas.' Pedi, e me senti muito feliz."

Ouvir a voz de seu coração é muito natural para as crianças. É claro que isso não é nenhuma idéia nova — na Bíblia há inúmeras histórias em que Deus dá instruções a seu povo. Quando os reis ou líderes obedeciam a essas instruções, tudo de bom acontecia em seus reinados, mas quando eles escolhiam desobedecer a Deus, surgia a fome, guerra e o caos. Acredito que o mesmo acontece hoje em dia.

2 Enfrentando juntos os problemas

TORNAR-SE PAI OU MÃE é bem mais fácil do que ser um pai ou ser uma mãe. Felizmente, podemos nos ajudar mutuamente e tirar lições de nossos erros. Num recente seminário sobre vida familiar na Alemanha, alguém propôs a questão:

Em que idade deve-se começar a educar uma criança?

Uma mãe alemã respondeu, "Tão cedo quanto possível. É necessário começar a definir os limites quando as crianças são muito pequenas. Isto lhes dá uma sensação de bem estar e segurança. Experiências feitas com educação do tipo anti-autoritária mostraram como esta pode se tornar perigosa se os limites não forem nitidamente estabelecidos. Definir limites aumenta a tolerância à frustração: a criança aprende que se ela não consegue o que quer, isto não significa o fim do mundo. Várias vezes convivi com crianças que nunca ouviram um 'não', definitivo. Elas sempre acabavam por conseguir o que queriam através de insistência ou coação. É necessário apresentar uma forma positiva de autoridade."

Este ponto de vista tem sido apoiado nos últimos anos, pela pessoa de quem menos poderíamos esperar apoio — o doutor Spock, o arauto da permissividade na educação, em cujos livros milhões de pais em nossa geração buscaram orientação para educar seus filhos. 'O principal tema do Dr. Spock e um que não era de se esperar dele, é a necessidade dos pais serem firmes com os filhos', lemos na crítica a seu último livro Educando Crianças em Tempos Difíceis, no jornal The Times de 23 de Janeiro de 1974. 'Diz ele que a total incapacidade dos pais de serem firmes com os filhos é o principal problema hoje em dia na América, e que isto pode fazer com que a criança se torne cada vez mais birrenta e desagradável à medida que o tempo vai passando. O principal motivo que

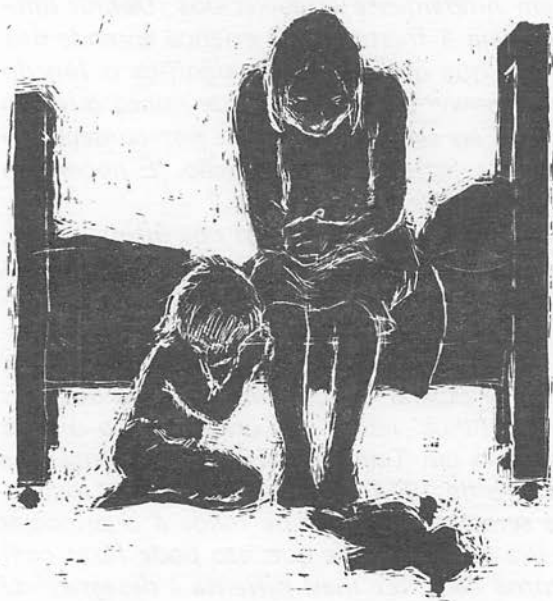
leva os pais a não se mostrarem firmes com os filhos é o medo de que se forem muito insistentes, as crianças poderão ficar ressentidas deixando de amá-los.” O Dr. Spock nota ainda que os pais que se submetem a seus filhos, nem sempre são submissos em seus relacionamentos com outros adultos.”

Neste capítulo, alguns pais nos contam como resolveram pequenos problemas com seus filhos que poderiam ter se transformado em grandes questões se não tivessem sido enfrentados logo no início.

A primeira história é escrita por uma mãe inglesa que é professora e tem três filhos pequenos.

Eu sabia rezar, mas para mim Deus tornou-se real quando aprendi a escutá-lo. É uma arte em que precisamos nos exercitar. Em todas as situações difíceis na família, discussões, doenças, fadigas, pressões, há sempre uma saída. Se estivermos dispostos a escutar, Deus falará no íntimo de nossos corações.

Desde que comecei a escutar, tem havido mudanças em nossa vida de família. Eu vinha sentindo uma espécie de mal-estar e inquietude em relação à minha filha mais velha de seis



ENFRENTANDO JUNTOS OS PROBLEMAS

anos: Ela não desgrudava de mim e exigia constantemente minha atenção. Utilizei este recurso de tentar conversar com Deus, mas na verdade não esperava nenhuma resposta. No entanto, quando eu estava na fila da caixa de um supermercado, subitamente me veio uma idéia. Na verdade eu tinha grandes ambições acadêmicas para minha filha, e isto estava lhe causando uma ansiedade difícil para ela suportar. Reconheci este pensamento como uma resposta e o peso dentro de mim, desapareceu.

Chegando em casa expliquei-lhe da melhor maneira possível, como eu havia errado em esperar tanto dela. Pedi-lhe desculpas caso ela tivesse se sentindo pressionada por mim. O alívio dela foi patético. Ela compreendeu o que estava se passando. Desde então, mudei realmente de atitude em relação a ela e em consequência disto, sua atitude em relação à escola se transformou e ela se tornou mais responsável e satisfeita. Parou de imitar outras crianças porque se sentiu livre para ser ela mesma sem ter de preencher as expectativas que eu, erroneamente, tinha dela.

As crianças parecem possuir desde bem pequenas a noção de que todos nós temos duas vozes nos falando no coração: uma boa e uma má. Uma vez, Edith Anne, que naquela época tinha quase quatro anos, disse a uma amiga que estava nos visitando: "Eu vou lhe contar tudo o que está em meu coração. Jesus está ali e também o diabo que quer que todo mundo seja infeliz. Você tem de dizer a ele, 'Eu não vou dar ouvidos a você'."

Uma noite, pouco tempo depois desta conversa, ela estava impossível, choramingando e reclamando de tudo. Na manhã seguinte ela me disse, "Eu não vou mais choramingar como fiz ontem à noite."

Perguntei, "Porque é que você estava tão impossível ontem?"

Ela respondeu, "Eu estava com um diabinho dentro de mim, mas dei um tiro nele."

Um jovem casal do Cambodja, que agora reside em Paris, teve uma experiência semelhante com seu filho de seis anos. As famílias de ambos haviam ocupado postos políticos em seu país

ENFRENTANDO JUNTOS OS PROBLEMAS

e eles trazem em seu coração os terríveis sofrimentos que marcaram o seu povo.

Cerca de seis meses atrás meu marido e eu nos demos conta que nosso estilo de vida não estava certo. Decidimos parar de pensar somente em nós. Começamos a viver para nosso filho que está com seis anos (e que tanto sofreu com nossa desunião), viver um para o outro, e para todos aqueles que necessitam de nós.

Depois, juntos tentamos pensar a respeito da educação que queríamos dar a nosso filho. Decidimos que tínhamos de ser firmes com ele quando isto fosse necessário. Passamos a dedicar uns momentos do dia exclusivamente para conversar e brincar com ele. (Ambos trabalhamos fora de casa). Proporcionando-lhe essa vida de família calma e equilibrada ele poderá adquirir a segurança que acreditó ser necessária a um desenvolvimento harmonioso de sua alma e de seu caráter.

Nosso filho notou a mudança que houve em nós. Quando ele sente que vamos iniciar uma discussão, diz, "Mamãe, Papai, será que vocês gostariam de escutar a Deus?"

Ele ainda é muito jovem e nossa experiência com a mudança é nova, mas tenho confiança no futuro. As crianças têm muito mais noção do que se está passando a seu redor do que os pais pensam. Uma noite em que nosso filho estava se comportando mal na hora de ir para a cama, de repente disse, "Mamãe, a voz do mal me disse para eu me esconder em baixo da cama, mas eu disse para ela, 'Vai embora, voz má. Eu não vou escutá-la. Vou dar ouvidos à voz boa que me diz para não desobedecer à minha mãe'." Ele compreendeu a escolha entre o bem e o mal. Espero que à medida que ele crescer, esta capacidade de discernimento cresça também.

Uma vez conheci uma adolescente que só se alimentava de salsichas e batatas fritas. Quando nossos filhos eram bem pequenos havíamos decidido que eles deveriam aprender a comer de tudo e a não desperdiçar comida numa época em que muitas pessoas sofrem fome. Costumávamos servir uma porção mínima das coisas que eles não gostavam e depois de algum tempo, eles se habituaram a comê-las sem criar caso e passaram até a apreciá-las.

ENFRENTANDO JUNTOS OS PROBLEMAS

Uma garotinha de três anos veio passar umas semanas conosco. Ela não estava habituada a terminar toda a comida em seu prato. Dissemos a ela que em nossa casa não se costumava fazer isso. Primeiro ela ficou zangada; mas acabou cedendo quando sentiu nossa firmeza. Depois de cada refeição ela dizia com o maior orgulho, 'Eu comi todo o meu macarrão'! (ou o que quer que fosse). As crianças são ávidas por expandir seus potenciais, e nós lhes falhamos na medida em que não as ajudamos a fazer o que elas sabem ser o certo.

Quando Digna tinha quatro anos, não conseguia ficar sentada durante uma refeição inteira sem se levantar várias vezes sob uma série de pretextos. Minhas ameaças não surtiram efeito nenhum e as refeições se tornaram campos de batalha. Decidimos dar um fim a este estado de coisas. Penduramos um quadro na parede. Depois de cada refeição em que ela não houvesse se levantado nem uma vez podia colar uma estrela de papel brilhante vermelho no quadro. Se, no sábado, o quadro tivesse sete vezes três estrelas, ela ganhava um sorvete. Ganhar uma estrela após as refeições tornou-se um jogo. Depois de algumas semanas, Digna se esqueceu das estrelas mas, ficar sentada até o fim das refeições havia se tornado um hábito. Acredito que as crianças podem adquirir bons hábitos de maneira tão simples quanto elas adquirem os maus.

Uma amiga canadense nos envia outra experiência.

Como eu estava insatisfeita com os modos de meus filhos à mesa, decidi pensar seriamente no assunto. Foi então que cheguei à conclusão que uma certa preguiça me levava a servir refeições rapidamente na mesa da cozinha e isso favorecia os maus modos das crianças. Decidí então fazer um esforço extra e passar a servir as refeições da família na sala de jantar. A mudança foi inacreditável. As crianças têm que pôr a mesa e tirar os pratos depois do jantar. Isto lhes deu um sentido de responsabilidade. Agora as refeições da noite são divertidas e dão a todos oportunidade para conversar e contar o que lhes interessa.

Este ano, meu marido passou a insistir em que as crianças, de quatro e seis anos, fizessem suas camas, e na manhã de sábado cada uma tem de limpar seu quarto e isto inclui passar o aspirador. No princípio foi uma verdadeira batalha conseguir

ENFRENTANDO JUNTOS OS PROBLEMAS

que eles obedecessem. Sábado passado, Harry estava fora a negócios e eu tive que sair para dar aulas. Quando voltamos, a babá nos disse que as crianças haviam insistido em limpar sozinhas seus quartos. Agora eles têm o maior orgulho em exibir suas camas bem feitas e seus quartos bem arrumados.

E também temos a história de uma mãe americana.

Nossos três filhos mais velhos saíram de casa quanto Tim tinha cerca de sete anos — e aí ele ficou como filho único. Um dos problemas dos lares americanos é que a mãe controla as coisas, em vez de respeitar o direito do pai, como Deus ordenou, de ser a cabeça do lar. Bem, era eu quem controlava Tim. Quando Dick, meu marido, queria discipliná-lo, eu o protegia ou me tornava mole. Eu não podia entender porque Dick se mostrava tão severo com o menino, de uma maneira que me parecia irracional.



Apreendi recentemente a recorrer a Deus em busca de respostas quando as coisas não estavam caminhando bem e para descobrir aonde é que eu mesma podia estar errada. A resposta que encontrei foi que Dick não estava furioso com Tim, mas sim comigo. Conteí isto a Dick, e ele disse, "É verdade".

Depois disto, quando Dick estava disciplinando Tim, mesmo se eu achasse que não era justo ou que ele estava sendo exigente demais, eu me mantinha quieta e o apoiava. Desta forma, Tim não podia tentar se encostar em mim. Os resultados foram

ENFRENTANDO JUNTOS OS PROBLEMAS

que Tim passou a se sentir mais seguro, e Dick e ele se tornaram grandes amigos.

Desde então, tenho visto quantas crianças jogam o pai contra a mãe e vice-versa. Sinto-me muito agradecida por termos aprendido a escutar a Deus, e encontrar a união que fortaleceu nossa família e nos deu uma fé. Nossos filhos se tornaram cidadãos responsáveis pelo mundo — e se preocupam com a Humanidade e com seu país.

Alguns anos atrás, Karen e seus pais passaram uns dias conosco. Seus pais tinham feito um curso de pós-graduação em Oxford. Seu pai era um jogador de futebol americano de bastante sucesso. Sua mãe nos escreve:

Descobri que não importa qual seja o problema que tenha com meus filhos, no momento em que decido ser firme sobre uma determinada coisa as crianças o percebem antes mesmo de ter tido tempo de tomar qualquer atitude. Por exemplo, Karen, minha filha de quatro anos, tinha o hábito de tirar meu material de maquiagem e minhas jóias — escondendo-as algumas vezes na gaveta de sua cômoda, e outras vezes usando-as quando eu não podia vê-la. Achei que era muito importante para ela aprender a respeitar as coisas dos outros. Decidi então permitir que ela tivesse suas próprias jóias e algum material velho de maquiagem, inclusive uma escova de sobancelhas, que ela podia guardar ao lado da minha.

Ela não podia entrar no meu quarto quando eu não estivesse lá. Eu estava disposta, caso se mostrasse necessário, a colocar uma tranca na minha porta, mas tão logo decidi quais seriam as medidas a serem adotadas, ela parou de mexer nas minhas coisas. Foi como se ela pressentisse minha determinação e propósito de não ceder neste ponto.

Quando nossas filhas estavam de mau-humor eu costumava avisá-las "Se vocês quiserem ficar de cara amarrada, vão para o quarto. Se vocês decidirem se controlar e se mostrarem agradáveis, então teremos o maior prazer em ter vocês conosco." Invariavelmente elas preferiam ficar com a família em vez de se isolar. Elas se deram conta que na maior parte das vezes tinham o poder de por um fim ao seu mau humor em vez de se

comportarem como vítimas indefesas de suas emoções. É claro, que às vezes certos estados emocionais têm uma causa mais profunda e aí então temos que descobrir qual é esta causa.

Digna, cujo parto foi feito por uma parteira extremamente eficiente, tinha o hábito de adormecer enquanto estava sendo amamentada. A parteira ensinou-me várias maneiras para acordá-la.

“Assim que o cordão umbilical é cortado, eles começam a tentar controlar você,” disse-me ela. “Você tem que decidir quem é que vai tomar conta de quem!” A batalha pelo controle começa muito cedo, mas nós descobrimos que ela não tem que dirigir nossas vidas. Há diferentes maneiras de se fazer uma coisa.

Quando Edith Anne tinha quatro anos, costumava fazer cenas terríveis de má-criação. Ela se jogava no chão, dava chutes e berros todas as vezes que não obtinha o que queria. Eu, em geral, cedia para ter um pouco de paz.

Uma amiga me disse, “Não é bom para a criança sentir que ela pode controlar você. Como é que você pode ajudá-la?”

Não tínhamos a menor idéia. Decidimos pedir a ajuda de Deus, pois já havíamos descoberto que criar caso por tudo não era a solução. Só servia para tornar a vida de todos os envolvidos, infernal. Chegamos à conclusão que só devíamos insistir em três aspectos básicos do comportamento:

Ela deveria fazer sua cama e arrumar o seu quarto todas as manhãs antes do café.

Deveria comer toda a comida de seu prato.

Era preciso dizer a ela que roupa vestir e não permitir que ela trocasse de roupa sem primeiro pedir consentimento.

E, para mim havia um quarto ponto: não evitar de enfrentá-la mesmo que isso desencadeasse uma explosão.

Comunicamos a ela nossa decisão sobre os três itens. Ela não fez comentário algum. Na manhã seguinte, encontrei seu quarto na maior desordem. Eu lhe disse para arrumá-lo antes de descer. Em menos de um minuto ela estava lá em baixo. Perguntei, “Você arrumou seu quarto?” Ela respondeu, “Arrumei sim, mas não vá lá agora. . .!” O que aconteceu é que subimos imediatamente e juntas arrumamos o quarto num instante.

À medida em que insistimos firmemente nestes pontos, ela se tornou uma criança muito mais feliz. As birras desapa-

ENFRENTANDO JUNTOS OS PROBLEMAS

receram quase que totalmente. Sabendo o que se esperava dela e até que ponto iríamos ceder às suas vontades, deu-lhe uma sensação de segurança. Penso que ela sabia perfeitamente que eu não tinha mais medo de enfrentá-la, e as tempestades passaram a desaparecer antes mesmo de terem tido uma chance de desabarem. Ela sabia também que Paul e eu éramos unidos, de forma que não podia jogar um contra o outro. Vocês sabem o que as filhinhas são capazes de fazer com seus papais!

Uma amiga francesa que vive em Lyon, tem dois filhos muito levados:

Foi numa daquelas noites em que uma mãe chegou ao fim de suas forças, tendo de cuidar de uma dúzia de coisas diferentes ao mesmo tempo, e na hora em que as crianças estão cansadas e excitadas. Meu filho de nove anos estava tomando banho e se comportando da maneira mais abominável que se possa imaginar. Entrei no banheiro e lhe dei umas fortes palmadas dizendo aos berros, "Se eu pudesse eu o matava, se eu pudesse eu o matava!" Mal havia acabado de dizer isto e já estava me sentindo morta de vergonha.

Mais tarde, na hora de deitar, achei que não podia deixá-lo adormecer sem colocar as coisas nos devidos lugares. Eu não me achei na obrigação de pedir desculpas porque seu comportamento havia sido realmente abominável, mas perguntei-lhe "O que é que você sentiu quando eu lhe disse aquela coisa horrível?"

Ele respondeu todo encabulado, "Ih, Mamãe!, muitas vezes penso o mesmo sobre você mas não tenho coragem de dizer!" Demos boas risadas juntos nos dando conta do quanto éramos parecidos e nos sentindo muito perto um do outro.

Tive de encarar o fato de que incidentes como este só deixam transparecer o que sou na realidade e não aquela mãe ideal maravilhosa que sabe perfeitamente como tomar conta de seus filhos.

Continuei a pensar sobre o assunto e a procurar quais seriam as outras coisas além de cansaço que fazem com que eu me comporte desta maneira. Ocorreu-me então que quando por algum motivo (geralmente uma razão muito específica) não estou permitindo que Deus controle minha vida, eu ime-

ENFRENTANDO JUNTOS OS PROBLEMAS

diatamente começo a tentar controlar minha família. Meu filho uma vez me disse, "Mãe, as vezes você se comporta como se fosse a rainha disto aqui." Ele tinha toda razão, e isto não era um elogio!



Uma outra mãe nos escreve da Califórnia:

Um dia desses nosso filho de dez anos, juntamente com alguns de seus amigos, encontrou umas revistas gênero Playboy na lata de lixo de um vizinho. É claro que eles acharam isso o máximo e foram todos para o quarto de John, trancaram a porta e examinaram folha por folha das revistas. Depois, esconderam-nas e combinaram manter segredo sobre o achado.

À noite, no entanto, era óbvio para nós que John estava com alguma coisa na cabeça mas ele nos disse que não podia contar o que era porque havia prometido aos outros guardar segredo.

ENFRENTANDO JUNTOS OS PROBLEMAS

Então eu disse, "Eu conheço você o suficiente para sentir que algo está perturbando o seu coração. Você só vai se sentir bem depois de nos ter contado o que está se passando. Nós também sabemos guardar segredos."

Ele nos contou então muito sem graça o que havia acontecido e tivemos uma boa conversa. Seu pai já havia tido com ele uma conversa sobre as realidades da vida, de forma que ele sabia que podia conversar sobre qualquer assunto conosco. Deus tem um objetivo maravilhoso para o sexo, da mesma forma que para a comida, mas se você se exceder na comida (particularmente chocolate!), você pode ficar seriamente doente. Acontece o mesmo se você utiliza o sexo de uma maneira errada.

Fizemos um acôrdo — ele diria a seus amigos que ia vender as revistas para reciclagem de papel e depois dividiriam o dinheiro. Conseguiu convencê-los que este seria um ótimo negócio.



As mães também têm sentimentos. Edith Anne estava aprendendo piano desde os oito anos de idade, a seu próprio pedido. Gostava de tocar mas não de praticar. Uma tarde, pouco antes dela fazer doze anos, sentei-me com ela ao piano tentando encorajá-la a estudar. Foi um fracasso total. Quanto mais eu insistia mais ela resistia. Começamos a discutir. Nenhum dos meus argumentos adiantou.

ENFRENTANDO JUNTOS OS PROBLEMAS

Afinal, não encontrei mais nada para dizer. Senti-me completamente derrotada e desamparada e comecei a chorar. Até então eu jamais havia chorado na frente dela. Um silêncio mortal caiu sobre a sala. Ela estava estupefata. Depois de alguns minutos, eu disse, "Seu pai e eu tentamos lhe dar uma boa educação e tentamos lhe dar tudo o que necessita sem mimá-la, mas devemos ter falhado em alguma coisa."

Ela me abraçou em prantos, dizendo, "Não é sua culpa. Eu é que sou egoísta e ingrata. Por favor, desculpe." Daí por diante nosso relacionamento mudou completamente; parece que estamos sempre andando na mesma direção em vez de cada uma puxar para o seu lado.

Uma amiga do Quenia nos escreve sobre a experiência de seu filho quando foi pela primeira vez mandado para um colégio interno.

Frank sabia há muito tempo que um dia seria mandado para um colégio interno, e neste ano o plano ia se tornar realidade. Escolhemos o mesmo colégio onde seu pai estudara quando criança. Frank tem somente sete anos e meio e parecia ser muito pequeno para ser mandado para longe da família. Nós o havíamos preparado, falando freqüentemente sobre o assunto, de forma que ele sabia do que se tratava, mas é claro que quando surgiu a hora foi duro tanto para ele quanto para nós, agravado pelo fato de que nunca havia passado sequer uma noite longe de nós.

Em setembro, nós o levamos para o colégio esperando que tudo corresse da melhor maneira possível, acreditando que havíamos tomado a decisão certa, mas ainda com algumas dúvidas e apreensões. Depois de duas semanas, tivemos a oportunidade de ir visitá-lo. Ficamos surpreendidos com as mudanças que haviam ocorrido nêle. Neste pouco tempo havia crescido e amadurecido. Ele nos mostrou seus trabalhos e o lugar onde guardava suas coisas, demonstrando interesse e orgulho em mantê-las em ordem. Havia sido difícil para ele tomar conta de si mesmo — aprender, por exemplo, que na manhã seguinte encontraria suas roupas exatamente da maneira como as havia deixado na noite anterior. Suas cartas também eram animadíssimas, e nelas ele demonstrava interesse por toda a família.

ENFRENTANDO JUNTOS OS PROBLEMAS

Depois de cinco semanas vieram as férias de quatro dias da metade do semestre. Depois de ter estado afastado, passou a dar muito mais valor ao que tinha — seus brinquedos, sua bicicleta e a comida de casa. Evidentemente ele não queria voltar para o colégio, mas sabia que teria de voltar de qualquer jeito e apesar das lágrimas mostrou-se novamente corajoso. Na manhã do último dia que passou conosco, ele escreveu no seu momento de silêncio com Deus, “Estou triste de ter que partir. Gostaria de levar um retrato para não me esquecer de vocês. Estou feliz que hoje é o aniversário do Papai. Eu me senti muito feliz aqui.” Ele está aprendendo a se expressar e isto o ajuda muito.



Eu mesma notei o quanto gostaria de mantê-lo a meu lado e pensei, que nós os pais éramos as únicas pessoas capazes de fazer o que era melhor para ele. Subitamente sentimos que já não tínhamos mais controle e nos perguntamos se tudo iria dar certo. Foi então que meu marido me disse, “Sabe de uma coisa, Deus também está tomando conta dele.”

Uma dona de casa do Rio de Janeiro conta a sua história.

Quando os meninos eram pequenos, naturalmente tínhamos de decidir inúmeras coisas por eles. Porém logo chegou o

momento em que havia decisões que eles próprios podiam tomar. Isso os deixava felizes. É importante que nós, os pais, não nos habituemos tanto a dizer “faça isso”, “não faça aquilo”, dessa maneira tolhendo a sua faculdade natural de decisão, não lhes dando essa oportunidade. Aprendi, em vez de determinar: “Faça as suas lições em tal momento”, a perguntar: “Qual é hoje o seu plano para os seus estudos?” Ou então: “Qual é a sua idéia para conseguir melhorar a sua nota nessa matéria?” Os meninos decidiram por si que é melhor sempre fazer as lições logo que voltam da escola, antes de se envolverem com seus brinquedos.

Fiz a experiência que — num momento de silêncio, quando voltamos os nossos corações à vontade de Deus — as crianças decidem mais drasticamente o que é certo do que, muitas vezes, nós adultos o fazemos. Nesses momentos de silêncio os meninos têm pensamentos de compartilharem e darem daquilo que possuem com uma generosidade muito além de nossa expectativa.

Temos dois meninos. Quando o mais novo tinha sete anos, ele brincou de “esconde, esconde” dentro do recinto da escola, o que é estritamente proibido. O diretor da escola apanhou a ele e seus amigos nesse ato, a punição foi severa: não podiam participar do festival de esporte da escola daquele fim de semana. Daniel ama o esporte e ficou tristíssimo. Não sabíamos o que fazer, então fizemos um momento de silêncio juntos em família. O pensamento de Daniel foi de escrever uma carta ao diretor para pedir desculpas. Ele o fez:

“Ao Diretor D., de Daniel: Peço desculpas por ter brincado de “esconde-esconde” dentro da escola, não o farei mais.” Na manhã seguinte entregou a carta à secretária.

A resposta chegou enquanto ainda estava na aula.

“A Daniel, do Diretor D.: Seu pedido de desculpa foi aceito... você pode participar do festival de esporte.” Nesse campeonato de futebol Daniel fez o primeiro gol daquele dia!

Quando os meninos tinham onze e nove anos, meu marido teve o pensamento de ser absolutamente honesto com eles sobre *tudo* de errado que tinha feito quando menino. Foi o ano em que ambos fizeram a sua primeira comunhão. Eu própria tinha tido receio — erroneamente — que alguns dos nossos pecados poderiam dar “idéias” aos meninos. Mas muito

ENFRENTANDO JUNTOS OS PROBLEMAS

pelo contrário. Os meninos ficaram muito tocados com a honestidade do pai. Alguns dias mais tarde o filho mais velho, que estava preocupado em ajudar um amigo que estava em dificuldade, decidiu fazer uma lista de todas as coisas erradas que tinha feito até então. Depois de uma conversa, em que ele foi drasticamente honesto, pai e filho se ajoelharam para pedir perdão a Jesus e a solicitar a Sua ajuda na decisão de viver de maneira reta. O mais jovem fez o mesmo um ano mais tarde. Ambos disseram que agora podiam conversar com o pai sobre qualquer coisa que acontecesse em suas vidas.

Quanto a mim, preciso estar alerta quando tento aparecer por demais perfeita. Mostrando como realmente sou, ajuda os meninos muito mais. Por exemplo: À noite rezamos juntos em família. Porém sou muito preguiçosa e quando fica tarde, sugiro: "Vamos dizer em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, por esta noite, basta". "Ah não", exclama Carlos, toda vez que a minha preguiça se revela com tanta clareza, "o que é isso mamãe, vamos rezar direitinho".

É interessante que as crianças gostam de incluir nas suas orações as necessidades de pessoas e países com que estiveram em contacto, ou que viram na televisão ou então das quais tiveram conhecimento durante o dia.

Como faz um dos pais para cuidar das crianças pequenas quando subitamente o outro desaparece? Uma amiga inglesa nos conta:

Minha filha só tinha sete anos e meu filho quatro quando meu marido faleceu subitamente. No princípio eu não conseguia imaginar como continuar vivendo sem ele. Ele era um marido e um pai maravilhoso. Mas, algo do amor de Deus por nós como família e a fé de meu marido me deu coragem para aceitar o fato como vontade de Deus e uma experiência da Cruz.

Eu estava tendo sérios problemas com minha filha Diana, que estava reagindo fortemente contra mim. Eu não conseguia entender a razão porque ela estava sempre me agredindo. Tentei atribuir o fato à saudade que ela sentia do pai já que eram muito unidos. Ambas as crianças freqüentavam uma pequena escola. Um dia as crianças da escola participaram de um musical. A peça consistia de várias canções e tinha poucas partes

ENFRENTANDO JUNTOS OS PROBLEMAS

faladas e todos se divertiram muito. No final todas as crianças se sentavam no palco de costas para a audiência e ficavam escutando o coro cantar a canção final.

Na primeira noite, quando a audiência aplaudiu, a maior parte das crianças que estavam de costas se viraram e sorriram para a audiência. Foi então explicado a elas que já haviam recebido seus aplausos anteriormente e que desta vez os aplausos eram para todos os participantes e, que se elas se virassem atrapalhariam os outros. Na segunda noite, só Diana se virou. O produtor da peça ficou zangado. Um dos adultos que cuidava das crianças disse, "Eu acho que você deveria perguntar a Deus porque você se virou."

As crianças da escola estavam habituadas a ter um momento no início do dia para escutar a Deus, e na manhã seguinte, quando iniciaram o dia sentadas alguns minutos em silêncio, minha filha não mencionou a peça mas disse, "Tenho ciúmes de meu irmão. Não sei o que fazer."

Uma das professoras sugeriu que ela conversasse comigo sobre o assunto. Ela obedeceu, com grandes dificuldades e me disse que sentia que eu gostava mais de John, seu irmão, do que dela. Achei muito difícil aceitar que pudesse ser culpada de uma coisa tão injusta, mas quando pensei sobre o assunto descobri que estava tendo de me esforçar mais e mais para ser paciente com ela à medida em que ela ia se tornando mais e mais rebelde. Enquanto isto, John ia tirando proveito da situação e se tornando dócil e dengoso quando via sua irmã me enfrentar.

Isto foi um marco para o desenvolvimento de segurança nas duas crianças. Diana passou a reconhecer uma autoridade maior à qual podia recorrer sempre e John ganhou em segurança, porque estava se tornando excessivamente mimado e concomitantemente inseguro.

Um jornalista australiano nos escreve sobre sua experiência com seu filho.

No campo, quando jogava futebol ele se mostrava corajoso e sem medo. No entanto, chupar o dedo era uma coisa que não dispensava todas as noites na hora de dormir. Andrew es-

ENFRENTANDO JUNTOS OS PROBLEMAS

tava com nove anos e apesar dos meus incessantes esforços e os de minha mulher, parecia não haver solução para o seu hábito.

Já havíamos tentado colocar substâncias de sabor desagradável em seu polegar e também costurar as mangas de seus pijamas, mas nos demos conta que esses ataques diretos conduziam simplesmente a uma batalha de vontade — a nossa contra a dele.

Algumas semanas mais tarde, eu estava ajoelhado à sua cama para orar com ele, quando me surpreendi dizendo, “Você já tentou pedir a Jesus para ajudá-lo a parar de chupar o dedo?”

Ainda sinto a intensidade de seu olhar quando ele respondeu, “Pode ser que Jesus funcione para você; comigo não funciona.”

“Não é tão fácil para mim quanto você pensá”, respondi. “Todos os dias tenho de pedir ajuda a Ele por causa de alguma coisa que eu não consigo fazer sozinho.”

“O que é que foi hoje?” foi a próxima pergunta, com uma ênfase marcante sobre o ‘hoje’.

Rapidamente lembrei-me o que havia sido e desejei que não tivesse me lembrado. Um conflito surgiu dentro de mim. Não era um exemplo que iria ajudá-lo. Na realidade, poderia até ser pernicioso. E no entanto, sempre mantivemos um acordo de ser totalmente honestos em nossas respostas a perguntas em busca da verdade — e não havia como duvidar do genuíno interesse de Andrew neste momento em que seus olhos me fitavam de frente sem pestanejar.

“Bem, na verdade eu tive de pedir ajuda a Jesus para não olhar de novo para uma foto na capa de uma revista.”

“O que havia de errado com a foto?”

Se fosse um adulto, eu teria respondido que ela era ‘sugestiva’, mas para Andrew eu disse simplesmente, “Era suja”.

A última pergunta, “E você tornou a olhar?” foi respondida por um ‘não’ bastante aliviado.

Ele então começou a rezar. Não me lembro das palavras que usou para pedir ajuda. O que me lembro é que ele nunca mais chupou o dedo.

Muitos anos mais tarde, Andrew nos disse que o que o ajudou mais foi o fato de que estávamos sempre prontos a ser

ENFRENTANDO JUNTOS OS PROBLEMAS

absolutamente honestos com ele sobre nossas necessidades, quer ele se mostrasse disposto a entendê-las ou não.

Uma médica inglesa se sentia frustrada e vencida pelo temperamento de sua filhinha pequena.

A vida era agradável e sem problemas até as crianças começarem a formar suas personalidades e demonstrar vontades próprias que eu não podia mais controlar. Eu achava Lucy, nossa segunda filha, a mais difícil de lidar. Só havia um ano de diferença entre ela e a seguinte. Ela costumava me seguir de um quarto para o outro, engatinhando e chorando, o que me deixava muito irritada. Em pouco tempo nosso relacionamento deixava muito a desejar, e as vezes eu a pegava no colo e a sacudia para ver se ela parava de berrar. É claro que não adiantava nada, como eu já sabia de antemão, mas mesmo sabendo que depois eu ia me sentir culpada, não conseguia me controlar.

Quando chegou aos três anos de idade começou a ter verdadeiros acessos de fúria, inclusive uma vez, quando se jogou no chão de uma loja e começou a berrar. Nunca mais a levei comigo para fazer compras.

Eu me sentia furiosa com tudo isto — como é que eu, uma médica sensível e inteligente não conseguia lidar com minha própria filha. Estava sendo vencida por uma criança. As coisas foram piorando gradativamente, até que uma noite em desespero eu me ajoelhei (coisa que eu absolutamente não tinha o hábito de fazer — naquela época raramente íamos à Igreja ou dávamos a menor atenção a Deus). Eu disse, “Deus, o que é que eu faço com esta criança?”

Imediatamente um pensamento me veio tão claro como se tivesse sido falado alto, “Você sabe muito bem o que fazer. Você tem que voltar a Me escutar de novo.”

Assim fiz eu. Eu havia sido criada acreditando no valor de começar o dia com Deus e decidi passar a levantar meia hora mais cedo para poder fazê-lo. Foi uma luta, porque tive que enfrentar uma grande oposição por parte de meu marido. Mas, em pouco tempo, passei a notar uma sensível diferença em todas as crianças. Não eram elas que estavam erradas, mas eu. Também descobri em mim uma capacidade para fazer mui-

ENFRENTANDO JUNTOS OS PROBLEMAS

to mais coisas em cada dia, de forma que dispunha de mais tempo para as crianças. Nossas relações ficaram cada vez melhores.

E, como prêmio extra, meu marido decidiu me acompanhar na hora da meditação da manhã.

Quando Elisabeth, nossa terceira filha, tinha doze anos, começou a se tornar muito difícil. Uma barreira começou a crescer entre nós.

Ela gostava muito de flores silvestres e uma manhã me ocorreu a idéia de passar algum tempo com ela colhendo e depois prensando flores do campo. Isto não me interessava nem um pouco e eu não tinha nenhuma vontade de fazê-lo. Mas começamos a sair para passeios, algumas vezes só nós duas, outras vezes com as outras meninas, e então apostávamos para ver quem conseguia achar maior número de flores diferentes. Em pouco tempo Elisabeth fez um álbum de flores — e, o que é mais importante, ela e eu voltamos a nos aproximar uma da outra.

As pesquisas demonstram que as crianças adotadas, independente do quanto são amadas por seus pais adotivos, em geral se sentem negligenciadas e crescem com um peso nos ombros.

Uma amiga de Yorkshire nos conta como ela conseguiu ajudar seus filhos.

Nós temos duas crianças adotadas, Jenny e Michael.

Numa manhã, na companhia de uma jovem mãe indiana e seu bebê recém-nascido, Jenny, então com sete anos, ao observar, pela primeira vez, o bebê ser amamentado ao seio, comentou, "Eu acho que também fui amamentada assim durante as minhas três primeiras semanas de vida." Seguiu-se uma discussão sobre as vantagens de amamentar ao peito versus dar mamadeira. Jenny disse, "Sabe, eu nasci de uma moça que ainda estava no colégio." A senhora indiana ficou surpresa com a liberdade com que Jenny falava disto sem nenhuma vergonha ou mistério.

Jenny tinha três anos quando começou a me fazer perguntas sobre como ela havia sido em bebê. Contei-lhe sobre nosso primeiro encontro. Como ela havia dormido durante to-

ENFRENTANDO JUNTOS OS PROBLEMAS

do o tempo que nós a seguramos no colo, como a trouxemos no dia seguinte para viver conosco, e como nos sentimos felizes de ter uma garotinha, porque não havíamos conseguido ter nenhuma criança nossa até então. Jenny me pediu para repetir esta história muitas vezes nas semanas que se seguiram. Não me perguntou muito sobre o que havia se passado antes das seis primeiras semanas de vida, apesar de que conversamos sobre o fato dela ter crescido dentro da barriga de 'uma outra moça'.

Quando Jenny estava com seis anos, num domingo ela e Michael estavam muito felizes brincando e fingindo que eu era o bebê deles e atendendo a todas as minhas necessidades. Tudo o que eu tinha de fazer era dar um choro de mentira de vez em quando e o resto do tempo eu descansava! Sentei-me, Jenny abraçou-me e disse, "Oh Mamãe, eu conheci você durante *toda* minha vida, não é, a não ser nas primeiras seis semanas que eu passei com aquela pessoa horrível que nunca me quis?"

Então eu disse, "Jenny, a história não foi bem assim", e contei-lhe sobre sua mãe que tinha quatorze anos, e que havia mandado um recado para Jenny quando nós a adotamos, pedindo-nos para dizer a ela que a amava muito, mas que ia deixar que nós fôssemos seu Papai e sua Mamãe porque ela não tinha condições de cuidar adequadamente de Jenny. Ambas as crianças começaram então a fazer várias perguntas sobre suas respectivas mães e eu lhes disse tudo o que sabia, dando ênfase aos cuidados e apreensões demonstrados. Por exemplo, a mãe de Michael havia tricotado uma manta para ele, e coisas desse gênero. Eles perguntaram se poderiam visitar suas mães e conversamos sobre este terrível problema. No entanto, eles aceitaram quando eu disse que não sabia onde se achavam e que talvez fosse melhor assim. (Isto certamente voltará a preocupá-los mais tarde).

Michael, como sempre, foi muito realista sobre tudo isto, mas Jenny ficou muito abalada. Eu também fiquei. Pensei que ela não ia conseguir dormir naquela noite. O surpreendente é que ela estava evidentemente mais preocupada com os meus sentimentos do que com os dela. Eu me lembro de ter dito a ela, quando a encontrei tremendo na hora de ir para a cama, que em seu coração haveria sempre um lugar muito dolorido,

ENFRENTANDO JUNTOS OS PROBLEMAS

mas que a maior parte das pessoas têm sempre alguma tristeza dentro do coração e que nós tínhamos muita sorte de termos uns aos outros como pais e filhos, irmão e irmã.

No dia seguinte, parecia que Jenny havia se livrado de um grande peso. Desde então, ela tem se mostrado assim. Entrou para uma nova escola e foi como se ela tivesse tomado um novo rumo. Ela assumiu sua realidade como um pato assume a água. Nossos filhos se sentem seguros e confiantes sem serem precoces ou excessivamente maduros. Eu atribuo isto ao fato de termos sido capazes de ser totalmente honestos com eles e termos enfrentado nossas necessidades como família.

3 Pais e adolescentes

OS MAIORES TEMORES dos pais em relação a seus filhos, parece se concentrar na época em que estes atingem a adolescência, quando então surge abertamente o conflito de gerações. Este conflito já foi exaustivamente estudado por psicólogos e sociólogos e várias razões já foram apresentadas no sentido de mostrar sua inevitabilidade. Mas será que o conflito de gerações é mesmo inevitável? Será que é este o ponto exato sobre o qual devemos nos concentrar?

Nós, como pais, deveríamos dar mais importância ao problema de saber se nossos filhos, antes de sair de casa, estão devidamente equipados para enfrentar o mundo como ele é, e se possuem a independência e determinação necessárias para abordarem o que encontrarem de errado de uma maneira construtiva. Este capítulo focaliza a luta dos adolescentes para se transformarem em adultos e como nós, os pais, ajudamos e atrapalhamos este processo.

O que pode uma mãe fazer, depois de trabalhar como enfermeira num exaustivo turno da noite, ao chegar em casa e descobrir que sua filha de dezesseis anos ainda não voltou de uma festa? Eis como uma amiga holandesa enfrentou a situação.

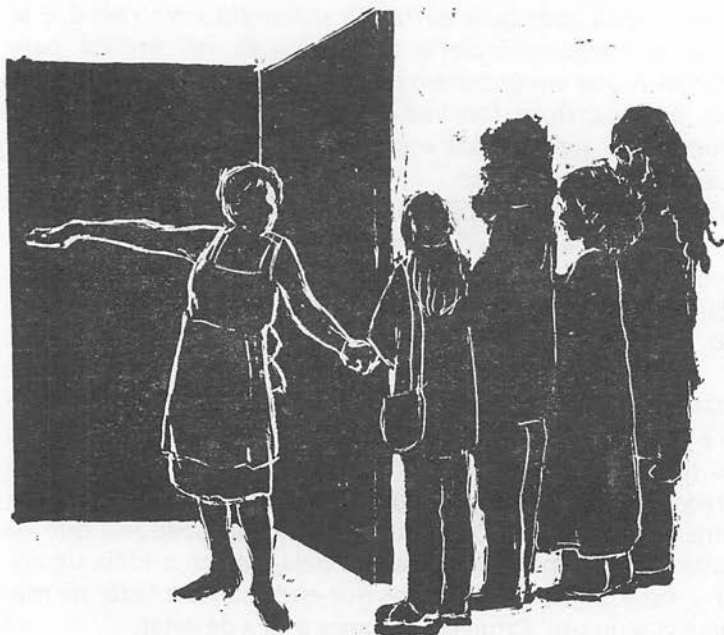
Decidi ler na cama enquanto a esperava. Mas o que aconteceu é que eu comecei a me sentir cada vez mais furiosa e em pouco tempo estava ensaiando mentalmente um longo sermão para recebê-la. Foi então, que percebi nitidamente que era este o momento de pedir a Deus que me desse a sabedoria que eu necessitava. De repente, me passou pela cabeça a idéia de começar a fazer algumas das coisas que eu pretendia fazer na manhã do dia seguinte. Comecei a limpar a sala de estar.

PAIS E ADOLESCENTES

No momento em que estava guardando o aspirador, Julie chegou. Eram duas e quinze da manhã. Fui capaz de recebê-la com um "Você deve ter passado uma noite maravilhosa. Eu acabei de limpar a sala."

Vi sua expressão mudar. Obviamente ela estava esperando um discurso furioso e havia se preparado para tal. No momento, ela se tornou menos defensiva e disse que lamentava ter chegado tão tarde. Não havia querido voltar de bicicleta sozinha à noite por uma estrada escura, e havia esperado por seus amigos. Contou-me tudo sobre a festa — quem estava lá, o que fizeram — coisas que normalmente ela jamais teria me contado. Mas ela compreendeu minha preocupação e também que poderia ter telefonado para avisar que ia chegar tarde.

Quando surge tensão entre nós duas, o problema não é saber se eu cedo em nome da paz e da tranquilidade ou se eu demonstro minha autoridade com palavras e ações retaliativas. A necessidade é de confiar na sabedoria de Deus e em seu plano — e que se eu realmente quiser saber, Ele me indicará o caminho certo.



PAIS E ADOLESCENTES

Uma alternativa para a preocupação que temos com os adolescentes está ilustrada na história de uma amiga dos Estados Unidos.

Uma noite, Mary, minha filha mais moça, voltou de um encontro. Nós estávamos deitados mas não dormindo. Chamei-a com um, "Estou contente de ver você em casa"! Ela entrou no quarto, sentou-se aos pés de nossa cama e disse, 'Olha, Mamãe e Papai, Ann e eu estivemos conversando. Vocês estão tão preocupados conosco que tudo o que nós conseguimos sentir é sua preocupação. O que gostaríamos de sentir é seu amor.'

Sua honestidade teve por efeito derreter o gelo que estava se acumulando em meu coração desde que ela e Ann haviam começado a circular com um grupo do colégio que nós não aprovávamos.

Nosso próximo passo foi tentar conhecer seus amigos, trazê-los para nossa casa, e convidá-los para passar uns dias conosco em nossa casa de campo, à beira do rio. Demonstrando mais carinho e amor do que preocupação, ajudamos nossos filhos a atravessarem esses difíceis anos da adolescência.

Um dia, ao café da manhã, decidi ser honesta com minhas filhas a respeito da pessoa que eu havia sido. Tendo tomado a posição de 'mãe, dona da verdade' foi muito difícil para mim contar a elas como eu colava no colégio, tirava coisas dos outros, o tipo de relacionamento que eu tinha com os rapazes, e como havia sido minha participação na construção do mundo dentro do qual elas tiveram de crescer. Comecei a chorar, achando que elas jamais poderiam voltar a me respeitar ou amar.

Foi então que Ann disse, "Mamãe, eu não sei porque, mas nunca a amei tanto quanto agora. Eu quero que você saiba que eu tenho uma porção de coisas para endireitar em minha vida e que vou começar a fazê-lo agora mesmo."

Aqui vai a experiência de outra mãe holandesa, uma mulher muito ocupada e com uma família grande.

Meu marido e eu tivemos a felicidade de ter aprendido a escutar a Deus quando nossa filha mais velha tinha somente quatro anos. Na verdade, foi ela quem entendeu primeiro que rezar significa também escutar.

PAIS E ADOLESCENTES

Um dia ela nos disse, "Sabe de uma coisa, eu já sei rezar." Quando perguntamos, "E o que é que você diz para Deus?" ela respondeu, "Eu não digo nada a Ele — Ele é que fala comigo."

Através de todos os anos em que nos decidimos criar uma família de sete filhos, temos aprendido a juntos escutar a voz de Deus e temos aprendido muito com as crianças.

Entre as idades de quatro e catorze anos, escutar a Deus havia sido uma atividade normal para nossa filha Helen, que havia partilhado isto com suas colegas de turma. Com catorze anos ela começou a se interessar por um rapaz e gradativamente desistiu de sua prática de escutar a Deus.

Um dia, quando ela estava com quinze anos, meu marido e eu nos demos conta que ela ia nos pedir permissão para fazer algo que gostaria muito, mas com que não poderíamos concordar de forma alguma. Previ um terrível choque de vontades, choros e birras. Para nos sentir mais fortes, ajoelhamo-nos e prometemos a Deus não dizer sim a nossos filhos — se sentíssemos que Ele queria que disséssemos não.

Na manhã seguinte, Helen e eu tomamos café juntas e depois de algum tempo ela me fez a pergunta. Respondi, "Helen, seu pai e eu rezamos ajoelhados ontem e prometemos a Deus que nunca diríamos sim se sentíssemos que Ele disse não. A resposta é não."

Houve um silêncio total. Quando ela terminou de comer disse um "Até logo" amistoso e saiu. Ela não tocou mais no assunto.

Fiquei grata por haver descoberto então, que quando nossos filhos sabem que estamos sinceramente procurando obedecer a Deus, não tentam se colocar entre Deus e seus pais. Desta forma, nossa obediência pode ajudá-los a aceitar Sua vontade, mesmo que algumas vezes isto contrarie seus próprios desejos.

PAIS E ADOLESCENTES



Tenho uma amiga alemã, cuja família foi grande proprietária de terras no local onde agora é a Alemanha Oriental. Eles passaram por grandes privações durante a Segunda Guerra Mundial, e perderam muitos parentes e todas as suas posses. Ela nos escreve sobre sua experiência como adolescente.

Eu achava absolutamente injusto, ter sido posta no mundo por duas pessoas que eu tinha de aceitar como pais. Eu odiava a vida — ela não continha nada além de dificuldades para mim. À medida que fui crescendo, aprendi a agir sensatamente, mas o desespero e a falta de esperança nunca me abandonaram. Sabia da existência de um Deus verdadeiro, mas não via como Ele poderia resolver meu problema.

Um dia eu me dei conta que o meu apego ao desespero e à falta de esperança era o que me afastava do amor de Deus, mas não podia aceitar as implicações desta descoberta. Assim, numa noite sombria, tomei o triplo de pílulas de dormir que um ser humano pode aguentar.

Fui encontrada a tempo. Por três dias fiquei sem poder ver ou falar, mas sabia perfeitamente que tinha de tomar uma decisão. Por fim disse, "Muito bem Deus, o Senhor ganha", e, muito mais amedrontada do que feliz, comecei uma nova vida sob novas condições.

Tropecei pelo caminho à minha frente, passo a passo, e senti a diferença. Quando me defrontava com uma dificuldade e o desespero se apossava de mim novamente, algo dentro de mim me dizia para não parar ali, mas seguir em frente. Não fazia mais sentido para mim culpar meus pais, meus professores ou as circunstâncias; eu tinha é que descobrir onde é que *eu* estava errada. Esta recém adquirida objetividade me

ajudou a me firmar na vida. E após algum tempo cheguei a me dar conta de que a vida me havia sido dada — específica e definitivamente — para assumir responsabilidades, e em consequência disto eu encontrei a felicidade.

Eu também, em minha adolescência, fui a causa de noites de insônia de minha mãe. Isto se devia menos a profundas diferenças dentro da família do que ao medo que ela tinha das coisas que poderiam vir a preencher o vácuo dentro de minha vida.

Nasci e fui criada com meus três irmãos e irmãs, na encantadora parte do sul da Holanda chamada Brabant.

Tivemos uma infância muito feliz, apesar de ter enfrentado cedo na vida o medo de bombardeios, falta de comida e campos de concentração. Meus pais haviam sido aprisionados pelos alemães antes de eu completar dez anos, mas eles possuíam uma fé inabalável de que Deus é quem estava controlando nossas vidas e não os alemães.

Daqueles tempos, várias coisas se destacam em minha mente: as noites de sábado quando havia jogos juntos em família; minha mãe sempre nos esperando com uma xícara de chá quando voltávamos da escola, pronta para escutar nossas histórias; o tempo que passávamos juntos aos domingos pela manhã quando Papai nos lia uma história da Bíblia e Mamãe tocava hinos em nosso pequeno órgão. Nossos amigos e primos também costumavam vir nessas manhãs e depois todos nós jogávamos futebol ou, quando estava chovendo, Monopólio.

Minha avó materna teve uma grande influência em minha vida. Ela havia perdido dois filhos entre 20 e 30 anos, mas nunca se tornou amargurada. Possuía a fé de uma criança e uma imensa alegria de viver. Ela me ensinou a dançar valsa quando eu tinha nove anos, e também as primeiras palavras que aprendi em inglês. Depois da guerra, ela me levava para ver os filmes e as peças que minha mãe julgava completamente inadequadas para mim. Também adorava jogar roleta e ganhava constantemente, mas sabia sempre quando parar.

Depois de terminar o curso secundário, quando se podia ler em meus boletins, 'Se ela se esforçasse poderia obter melhores resultados' — só que parecia haver muito pouco incentivo para me induzir a estudar com mais afinco — fui viver em Amsterdam. Uma amiga e eu alugamos um sótão numa casa

de trezentos anos, à beira de um canal, onde nossas camas se sacudiam cada vez que passava um navio. Arranjamos emprego numa elegante casa de modas onde aprendemos a fazer chapéus — e também tomamos conhecimento de alguns dos fatos da vida que haviam nos escapado antes.

No ano seguinte, fui para Paris aprender mais francês e mais sobre modas. Minha mãe estava preocupada a meu respeito e tinha suas razões para isto. Nós nos respeitávamos mutuamente mas eu nunca havia lhe falado sobre o que se passava dentro de mim. Naquele verão, ela me pediu para acompanhá-la a Caux, um lugar lindo acima do lago de Genebra, onde o Rearmamento Moral vinha fazendo conferências desde 1946. Ali encontrei pessoas de muitas classes e raças, incluindo pessoas muito jovens que pareciam possuir um objetivo na vida, e também uma artista de Hollywood com quem me senti à vontade para conversar.

Depois de alguns dias tornou-se evidente para mim que eu tinha de fazer uma escolha: ou prosseguir como estava, totalmente dedicada à minha própria carreira e satisfação pessoal, ou utilizar minha vida para um objetivo maior. Comecei a me dar conta que era possível que o mundo estivesse nessa confusão devido a milhões de indivíduos como eu, egocêntricos, que nunca haviam lutado por nada além de seus próprios interesses.

Uma noite fui assistir uma peça sobre a vida em uma universidade. O primeiro ato mostra a vida como ela é hoje, livre e fácil. O segundo ato mostra a mesma universidade, sob um regime totalitário, onde as pessoas são mantidas sob controle através do medo e do terror. Enquanto assistia àquele segundo ato, minha infância na Holanda ocupada surgiu de repente diante dos meus olhos e uma voz dentro de mim disse, "Você quer que seus filhos passem por isto? Se as coisas terminarem mal no mundo você não vai poder culpar ninguém — você é egoísta demais para tomar qualquer providência no sentido de impedir que isto ocorra."

Na manhã seguinte, senti-me totalmente miserável. Sabia que voltar à minha antiga vida em Paris não me satisfaria mais, mas decidir colocar minha vida nas mãos de uma autoridade maior, como havia sugerido minha amiga de Hollywood, era uma perspectiva assustadora.

PAIS E ADOLESCENTES

Eu fui procurá-la. Conversamos muito tempo, e finalmente nos ajoelhamos juntas e eu disse a Deus, "Muito bem Deus, eu lhe entrego minha vida, independente do que isto possa significar." Foi como a assinatura de um contrato e eu, tinha a intenção de honrá-lo para o resto de minha vida. Foi como se eu tivesse saído de um longo e escuro túnel para a claridade do sol. Havia muitas coisas a serem endireitadas, principalmente com minha mãe. Nós nos tornamos grandes amigas, e o somos até hoje. Aquela decisão foi o início de um estilo de vida tão cheio de aventuras e satisfatório que posso recomendá-lo a qualquer um.

Como podem os pais preparar um adolescente para a vida universitária? Aqui está a história de um casal inglês.

Nossa filha recebeu uma bolsa de estudos para a universidade. Estávamos todos muito satisfeitos e orgulhosos. Ainda faltavam nove meses para ela iniciar seus estudos superiores e, após tantos anos de árdua dedicação aos estudos, este tempo livre lhe deu uma sensação estonteante de estar disponível para fazer um sem número de coisas — um curso de datilografia, aprender a dirigir, uma viagem ao exterior, etc. Isto tudo foi discutido inúmeras vezes. Ela estava livre para fazer o que quisesse, dentro dos limites do razoável, mas após uma vida de tomar decisões em conjunto em busca da orientação de Deus, e valorizando a sensação de segurança que isto lhe trazia, ela nos perguntou se também desta vez poderia tomar sua decisão conosco.

Nós no entanto, estávamos ficando cansados do assunto e sentimos que tudo o que ela queria é que concordássemos com seus planos, e não, descobrir realmente o que Deus queria que fosse feito durante esses meses.

Naquela manhã meu marido me disse, "O mundo não necessita de mais um intelectual egocêntrico. Se ela só consegue pensar em si mesma e em seus próprios planos, seria melhor que ela não fosse para a universidade, e fizesse algo de útil para as outras pessoas." Concordei, mas para mim, era muito doloroso ter de lhe dizer isto. Será que não perderíamos a fé e confiança que ela depositava em nós se fôssemos tão implacáveis?

PAIS E ADOLESCENTES

O momento para nossa conversa chegou, e ela entrou com ares de uma pessoa muito segura de sua própria importância. Seu pai lhe disse imediatamente o que pensava. Houve um silêncio de morte. As lágrimas começaram a correr, e subitamente ela disse, "Acabo de me lembrar que prometi me encontrar com a fulana de tal dentro de dez minutos e agora tenho que ir". Saiu correndo da sala e nós entreolhámo-nos.

Mais tarde ela voltou animada como sempre, e disse a seu pai que ele estava absolutamente correto. Depois de três maravilhosas semanas na Itália ela foi para uma colônia de férias onde estava sendo encenado um musical. Ela já havia tido alguma experiência em produção teatral e estava esperando poder participar desta, mas quando chegou lá, descobriu que o que estava faltando era uma cozinheira. Foi assim, que ela passou seu verão — um daqueles bem chuvosos — vivendo numa barraca e cozinhando para um grande número de pessoas famintas, e sentiu que isto foi um excelente treino para a vida acadêmica.

É possível que haja mais adultos alcoólatras do que jovens viciados em drogas; mas os perigos e a dor de ver uma filha envolvida com drogas são tragédias que ocorrem com muita frequência e no entanto, algumas vezes, podem ser atenuadas. Aqui, um pai e mãe americanos nos contam sua história.

Meu marido, eu e nossos quatro filhos levávamos uma vida de família feliz. Mas um dia recebemos um duro golpe — nossa filha mais moça, Cindy, morreu de tumor no cérebro com dezenove anos.

Susan, a penúltima, já estava casada e estudando na Califórnia. Quando sua irmã estava morrendo ela veio direto para casa. Elas haviam sido muito unidas e a morte repentina de Cindy afetou profundamente Susan.

Um dia ela me perguntou, "Mamãe, porque é que as pessoas têm de sofrer?"

"Não posso lhe responder isto. Tudo o que posso fazer é me voltar para Deus", eu respondi.

Minhas palavras não lhe trouxeram nenhum conforto porque Susan não tinha fé alguma.

PAIS E ADOLESCENTES

De volta à Califórnia ela caiu numa depressão profunda e começou a fumar maconha. Mais tarde ela passou para LSD. Para ela, isto era uma revelação. Ela acreditou poder entender muito melhor a vida e a morte. Gradualmente ela se tornou uma viciada, interrompeu seus estudos e passou a se mudar de uma comunidade hippie para outra. Seu casamento se desfez.

Eu sabia que ela tomava drogas. Estava tão desesperada que recorri à ajuda da polícia para tentar localizá-la. Mas havia tantas ocorrências registradas de jovens desaparecidos, que isto não levou a nada.

Um dia, inesperadamente, Susan nos telefonou de São Francisco. Ela nos deu seu endereço e desligou. Eu peguei o próximo trem para viajar 3.000 quilômetros através dos Estados Unidos. Encontrei-a num velho casebre num bairro de favelas. O lugar estava completamente vazio e tudo o que ela tinha era um colchão sujo.

Uns jovens entraram e ficaram me olhando. Eu sabia que não conseguiria nada através de palavras. Meu coração se partiu ao ver aqueles jovens. Quando presenciei minha filha tomando drogas comecei a chorar. Eu não podia suportar aquilo.

Ela berrou comigo, "Como é que você ousa me dizer o que fazer?" Eu não havia dito uma palavra.

Na manhã seguinte telefonei a meu marido e pedi-lhe que viesse. Apesar do preço da passagem que mal poderia pagar, ele tomou o avião seguinte. Quando chegou, olhou o casebre e disse, "Susan eu não vou ficar um minuto a mais neste buraco. Se você quiser nos falar você tem que vir conosco." O irmão dele havia nos emprestado sua casa de fim-de-semana em uma cidade próxima, e para minha surpresa Susan concordou em vir.

Aquela noite tive a sensação que Deus queria me sacudir: "Você se permitiu ser governada pelo medo e não pela fé. O simples medo de perder Susan, assim como perdeu Cindy, tomou conta de você. Susan terá de decidir sozinha como é que ela vai viver. Você não deve imiscuir-se."

Na manhã seguinte realmente me senti livre. Senti uma autoridade interior que não era a minha própria. Disse à Susan, "Nós nunca mais vamos tentar encontrar você, agora você tem de decidir se quer continuar vivendo assim ou se quer experimentar começar de novo."

PAIS E ADOLESCENTES

Ela fraquejou e chorou. Nos dias que se seguiram fomos finalmente capazes de falar em paz uma com a outra. Ela começou a se reencontrar.



Quando partimos, ela nos abraçou e disse, “Estou tão feliz de vocês terem vindo.” Eu estava liberada de meu medo, mesmo sabendo que ela ainda não havia superado a crise e corria o risco de cometer suicídio. Mas depois daquele encontro, ela passou a nos telefonar uma vez por semana. Aquelas conversas se tornaram um elo vital. Eu lhe contava o que estávamos fazendo em casa e o quanto nós a amávamos. Decidi acreditar que era possível acontecer um milagre.

Veio a Páscoa. Meu marido e eu enviamos a Susan um lindo ramo de lilás — nós sempre tínhamos um em casa na Páscoa. Susan nos respondeu por carta, “Vocês não precisam mais se preocupar comigo. Pus fim à minha vida hippie e terminei com as drogas também. É como se eu tivesse atravessado o vale da sombra da morte e tivesse voltado à vida. Obrigado por terem acreditado em mim justo no momento em que ninguém mais acreditava, nem eu mesma.”

Ela reiniciou seus estudos. Felizmente não se confirmaram os receios de que sua memória houvesse sido afetada pelas drogas, e ela se formou.

Tudo isto abriu meu coração a estes jovens, independente de sua aparência e de como estejam vestidos. Fico sentida quando as pessoas na rua dizem, "Olha só aquele hippie"! Houve um tempo em que o hippie era minha filha. A coisa mais importante que aprendemos desta experiência foi não julgar nunca. A melhor maneira de ajudarmos aos outros é sermos absolutamente honestos sobre nossas próprias necessidades.

Tentei entrar em contato com os pais desses outros jovens. Aluguei uma sala e pus um anúncio no jornal convidando as pessoas para um encontro. Da primeira vez vieram dez pessoas, e na semana seguinte trinta e cinco. Esses pais, desesperados com o que estava acontecendo em suas famílias, estavam em busca de alguém com quem se abrir. No início, muitos deles não conseguiam ver o que poderiam ter feito para ajudar seu filho ou filha. Mas em pouco tempo, renunciaram a velhos hábitos, tais como beber e fumar. E a nova liberdade por eles encontrada lhes deu esperança para seus filhos também.

O trabalho cresceu tanto que não pudemos continuar com ele sozinhos. Com o tempo, o Departamento de Saúde o assumiu. Este foi o início da Associação Anônima de Pais de Viciados em Drogas.

Uma maneira certa e segura para se perder o respeito dos jovens é não exigir deles padrão algum. Uma jovem foi visitar seu namorado na universidade, e estava pensando em dormir no chão de seu quarto. Quando uma família da vizinhança, que a conhecia, a convidou para ficar com eles, ela ficou toda contente.

"Isto é maravilhoso", disse ela. "Eu não pude entender como é que meu pai não fez objeções quando lhe disse que ia ficar com Jack. Pensei que talvez ele não se importasse mais comigo ou algo no gênero."

Um empresário australiano nos conta o que aconteceu quando seu filho mais velho fugiu de casa. Somente na América, há mais de quinhentas mil ocorrências deste tipo por ano.

Jim é o mais velho de oito filhos — cinco filhos e três filhas. Éramos onze ao redor da mesa da cozinha depois de ter-

PAIS E ADOLESCENTES

mos adotado um garoto que se tornou um dos membros da família, participando de todos os nossos altos e baixos. Sempre fomos uma família unida e juntos passamos por bons tempos.

Mas um dia — pumba! Nosso filho se foi. Nós havíamos tido nossos bons e maus momentos. Às vezes surgiam ruidosas ameaças de abandonar o lar, principalmente quando os ânimos se esquentavam. Houve abandonos temporários, mas a lembrança da comida da mamãe sempre os atraía de volta ao lar. Esta foi a primeira vez que um deles saiu de casa e não havia voltado.

A vida para minha mulher tornou-se bastante difícil, em sua tentativa de aceitar minha filosofia de, "Você cuida da casa e toma conta das crianças. Eu já tenho trabalho suficiente tomando conta de minha empresa." A idéia podia ser muito boa em teoria, mas devido ao meu 'vício de trabalhar' eu havia negligenciado a família e assim não obtinha mais o respeito e a credibilidade que merece um pai que dá importância à sua família.

À medida em que eles foram ficando mais velhos os meus métodos de mão de ferro no sentido de fazer prevalecer minha vontade não funcionava mais para fazê-los 'serem sensatos', como eu entendia que eles deveriam ser. Minha mulher, tentando ser pai e mãe ao mesmo tempo, estava se esgotando. Nossos choques se tornaram mais freqüentes à medida em que ela tentava proteger as crianças da minha fúria quando eles se recusavam a ceder.

Foi então que um novo fator entrou em cena. Nossa filha mais moça voltou um dia da escola primária e nos disse que sua professora havia falado à classe sobre 'escutar a orientação de Deus'. Ela havia escutado tudo sentada quietinha e teve a idéia de nos dizer que estava guardando o dinheiro que lhe era dado para a escola dominical. Ela se desculpou. Depois, teve outra idéia — duplicar a quantia com sua mesada e dá-la à Igreja.

Ela nos contou que a professora havia sugerido que para verificar qual a coisa certa a fazer seria examinar a sua vida à luz dos quatro padrões de honestidade, pureza, altruísmo e amor absolutos para descobrir onde é que estaria falhando. Isto, facilitaria a comunicação com Deus.

Minha mulher e eu naturalmente ficamos satisfeitos. Achei que isto era muito bom para minha filha, e que também

poderia ajudar ao resto da família. Eles estavam achando que isto é que seria bom para mim!

Nesta época, a professora estava encenando uma peça, *A Escada*, de Peter Howard, num teatro perto de nossa casa. Minha mulher e filha foram assistir e eu as acompanhei com bastante relutância. A peça era sobre um homem subindo o último degrau da escada do sucesso — disposto a vender os segredos de seu país aos homens ricos e poderosos que o haviam colocado no alto. Quanto mais ele se envolvia em seus negócios, menos ele pensava em sua mulher e em seu lar. A peça atingia o clímax quando ele cortou os elos com a corrupção e com os especuladores que o estavam chantageando.

Fiquei abalado com o realismo da peça. No final fui conversar com um dos atores.

“Essa é uma peça forte,” eu lhe disse. Preocupo-me muito com o tipo de sociedade que vem por aí para meus filhos. Eu me pergunto o que eles farão a respeito.”

Ele me olhou intensamente e perguntou, “*Você* está preocupado? Eu me pergunto o que *você* fará a respeito.”

Tomado de surpresa, respondi, “esta foi um tanto forte, não foi?” Mas então ali mesmo me dei conta que ele estava certo. Cabia a mim participar na formação de uma sociedade adequada onde as famílias pudessem crescer.

Tudo isso começou a fazer sentido para mim; o que minha filha havia nos contado sobre ‘escutar’, como o homem na peça havia se enfrentado e mudado, e finalmente a pergunta que me havia sido colocada após a peça. Pensei em meu filho sozinho em uma outra cidade; o que é que eu devia fazer?

Pedi a Deus para me dizer o que fazer a respeito de Jim. Meu primeiro pensamento foi, “Vá e encontre-o”. Assim, nós partimos. Sabíamos o nome do grupo popular com o qual estava tocando e depois de algumas indagações descobrimos onde estava. Nós nos sentamos em meu carro. Aí eu tinha de por em prática minha segunda idéia que era de dizer-lhe que eu o amava. Achei isso muito difícil — como é que você diz a um homem de vinte e cinco anos que você o ama? Mas eu disse.

Eu lhe disse que havia errado com minhas rígidas atitudes e que achava que isto havia contribuído para a ruptura de nossas relações e levá-lo ao mundo das drogas. Desculpei-me. Conte-i-lhe que o que havia me ajudado foi ter olhado para den-

PAIS E ADOLESCENTES

tro de mim mesmo, reconsiderando tudo à luz daqueles critérios absolutos.

Ele me olhou e disse, "Pai, há um outro absoluto — o perdão absoluto."



Ele nos acompanhou ao almoço para conhecer alguns de nossos amigos com quem havíamos travado conhecimento após a peça de teatro. Ele sempre havia gostado muito de críquete e ficou pasmo ao se encontrar com um de seus jogadores favoritos, Conrad Hunte, o ex-vice-capitão do time de Críquete das Índias Ocidentais. Que almoço! Era o equivalente moderno da festa da volta do filho pródigo.

Alguns meses mais tarde, ele havia abandonado completamente as drogas. Meu filho mais moço, que estava bebendo e tomando todo tipo de outros estimulantes, libertou-se disto com a mudança e o carinho de seu irmão mais velho.

Aqui estão alguns trechos da carta que Jim nos escreveu quando voltamos para casa:

"Só hoje descobri o verdadeiro sentido da vida. É certo que no passado eu já sabia que a verdade e a honestidade absolutas são o verdadeiro sentido da vida, mas nunca havia assumido nenhuma atitude sobre o assunto. Jamais havia tomado

PAIS E ADOLESCENTES

medida alguma contra todas as inverdades e a cobiça que haviam se acumulado dentro de mim. É por isto que eu não conseguia entender sua vontade de pedir desculpas por suas injustiças passadas — e ninguém pode entender isto até que ele mesmo se sinta livre. E hoje eu fui libertado — eu rezei e subitamente sabia o que tinha que ser feito. Sabia o tempo todo mas não conseguia aceitá-lo. Estou querendo dizer a todos vocês o quanto eu os tratei mal — como eu lhe roubei dinheiro, Papai, quando você era um jornalista e mais tarde quando trabalhei com você em sua firma — estou sinceramente arrependido. E Mãe, como roubei dinheiro de sua bolsa, mesmo no tempo das vacas magras quando só havia alguns tostões nela. Mais uma vez, estou realmente arrependido. . . .

Agora sei que a única maneira de pagar todas essas coisas é admiti-las e depois fazer tudo o que estiver em meu poder para levar uma vida honesta e desprendida.

Em breve estarei de volta aí em casa, no seu aniversário Mãe, e então nos veremos,

Com amor,
Jim”

4 Educando os pais

UM DE NOSSOS amigos no Canadá era o, já falecido, Dr. Gustav Morf, o psiquiatra de Montreal que entrevistou a maioria dos prisioneiros políticos que foram os responsáveis pela onda de terrorismo em Quebec na década de sessenta. Seu livro, Terror em Quebec, foi se tornando uma espécie de clássico à medida em que grupos semelhantes foram surgindo em todas as partes do mundo.

Em suas conversas com os terroristas de Quebec, o Dr. Morf imediatamente se percebeu que eles não eram o resultado de lares materialmente pobres, mas pelo contrário "os produtos de uma sociedade opulenta, indulgente para consigo própria e permissiva." "Eles sabem o que querem e querem isto com a maior rapidez possível ou então. . .", escreve Dr. Morf. "Eles estão chantageando uma sociedade em que a chantagem no casamento, nas relações industriais e em política é uma ocorrência corriqueira, e onde praticamente todas as pessoas exigem muito mais da vida do que estão dispostas a dar."

Dr. Morf observou que o sintoma comum era "imaturidade." "A pessoa mais perigosa que pode existir," diz ele, "é aquela que mantém a imaturidade, a aparência, a rebeldia e a relativa responsabilidade de um adolescente, enquanto exerce os plenos poderes de um adulto." Mas, o que é que prolonga essa imaturidade?

"Hoje em dia, a criança pequena," conclui o Dr. Morf, "tem mais dificuldade em se ajustar à realidade do que antigamente. Um número excessivo delas conserva-se desajustada através de sua infância," enquanto um número ainda maior "recusa-se a crescer durante a adolescência," de forma que se transformam em "eternos adolescentes" ou "eternos estudantes." Isto, provavelmente se deve, na maioria dos casos, ao ex-

cesso de estímulos característica da vida moderna e à confusão moral e permissividade dos pais." Seus filhos "não sabem mais qual é a diferença entre o certo e o errado."

As conclusões do Dr. Morf colocam grande responsabilidade sobre os ombros dos Pais. A nossa experiência pessoal mostra que há muitos jovens realmente desejosos de tomar uma atitude madura em relação ao mundo e interessados em investir suas vidas numa sociedade na qual fosse possível satisfazer as necessidades de toda a família humana. Eles sabem que este é o primeiro século em que se tornou tecnicamente possível alimentar, abrigar e vestir toda a humanidade, e se sentem frustrados pelo fracasso de nossa geração em enfrentar o problema adequadamente. Eles reagem contra o nosso apego ao conforto e preocupações materiais — e as reações que condenamos neles são geralmente protestos contra o nosso "falar muito e fazer pouco." "Os adultos bebem, se excitam e se julgam o máximo," comentou o International Times, um jornal do underground. "E nós, fazemos outras coisas e nos excitamos e eles atiram pedras em nós."

É por isso que pais maduros são tão necessários quanto adolescentes amadurecidos. Como recentemente muito bem me colocou uma adolescente de dezessete anos, "Eu aprendi que toda decisão que tomo tem efeitos sobre outras pessoas. Não existe decisões particulares."

A honestidade pode provocar uma cadeia de reações. Uma amiga suíça escreve:

Alguns meses atrás, numa daquelas românticas ruas da Lucerna Antiga, fui vítima de intenso ataque de vergonha. Havia acabado de dizer uma mentira para um inocente vendedor de farmácia, a fim de obter um determinado remédio que só poderia ser obtido com uma receita.

Quando ele me perguntou se um médico havia me receitado o remédio respondi, "Sim", com grande convicção. Fiquei chocada comigo mesma. Não é que eu fosse de forma alguma usar inadequadamente o remédio, mas é que eu havia acabado de mentir para conseguir o que achava que estava precisando.

EDUCANDO OS PAIS

Pensei em Gretel, minha filha de oito anos que é constantemente bombardeada por influências confusas e inúteis no colégio, na vizinhança e na televisão. Meu marido e eu temos a preocupação de lhe dar a liberdade e firmeza de caráter que existe quando não procuramos desculpas para tudo e estamos sempre prontos a escutar com tranqüilidade a voz de nossa própria consciência.

Durante o almoço contei à minha filha o que havia feito. Ela me encarou firmemente e sugeriu que eu levasse o remédio de volta à farmácia. Respondi, "Acho que uma farmácia não pode aceitar de volta as mercadorias que já foram vendidas, mas talvez deveria voltar lá e admitir que lhes menti."

A tarde correu como sempre com a escola, obrigações e deveres. À noite Gretel estava particularmente agitada e agressiva. Depois do jantar, vem a hora em que geralmente rezamos e cantamos com ela, e falamos sobre as coisas que estão ocupando nossas mentes no momento. Precisamente naquela noite, tudo parecia estar saindo errado. Gretel se comportava cada vez pior e eu me sentia ao mesmo tempo desamparada e fracassada como mãe. Com um breve, "Está bem, então nós não rezamos. Durma bem." saí do quarto.

Sentei-me na sala deprimida e abalada. De repente dois bracinhos apareceram em volta do meu pescoço e uma voz choramingou, "eu não quero fazer isto. É que algumas vezes um diabinho entra em meu coração contra a minha vontade." Entre soluços ela começou a despejar algumas das coisas que vinham se acumulando em seu coração nas últimas semanas.

Conversamos sobre tudo tranqüilamente e depois rezamos por cada uma das diferentes dificuldades. "Agora ela vai dormir quietinha," pensei comigo mesma, e fui me deitar.

De repente, uma batida na porta do nosso quarto. Ela estava ali de pé em sua roupa de dormir. "Eu tenho de contar outra coisa que nunca havia contado antes. Umhas semanas atrás eu estava achando que eu preferia que a nossa vizinha fosse minha mãe porque ela é mais bondosa. Sinto muito, porque eu na realidade gosto de você mais do que de ninguém."

De volta para a cama — paz novamente — e depois outra batida. "Mãe, quando Papai e eu deixamos cair aquela bandeja cheia de louças no ano passado eu disse que a culpa tinha sido dele, mas foi minha. Eu quero lhe dar todo o dinheiro da



minha mesada para pagar a louça que quebrei.” Sua fisionomia estava radiante quando ela acrescentou, “Pronto, agora fizemos as pazes de verdade.”

Na manhã seguinte, voltei à farmácia. Quando cheguei na porta, senti-me como uma imbecil. Três vendedores perguntaram se eu desejava alguma coisa. Eu não tinha certeza que um deles era o que havia me servido na véspera, mas simplesmente disse que eu havia dito uma mentira para conseguir um remédio. Isto deu início a uma animada e amistosa conversa com os empregados.

Quando cheguei em casa, Gretel quis saber exatamente o que havia se passado.

Esta experiência tornou-se uma âncora em sua vida e se mantém firme através de tempestades e contra as correntezas. Com um temperamento como o meu — e minha filha possui uma boa dose dele — é impossível evitar que as coisas às vezes saiam erradas, mas quando isto acontece Gretel me encara e diz, “lembra-se do dia que agente fêz as pazes?”

Experiência de uma família no Rio de Janeiro.

Quando o meu filho mais velho tinha 4 anos, abandonei o meu marido e decidi começar uma vida nova sem ele.

Estando preocupada em organizar o meu novo lar, não percebi que o meu filho se tornara cada vez mais introvertido, falando muito pouco até o dia em que foi comigo a um supermercado. Quando estava pagando, a caixa deu-lhe uma moeda e disse-lhe que desse ao pai para colocar no cofrinho. Ele olhou para essa senhora e respondeu: "Meu pai está morto." Levei um choque e saí correndo do supermercado. Subitamente compreendi que meu filho tinha percebido muito mais do que eu supunha. Senti-me miserável, porém parecia-me que não havia solução, pois já estava separada.

Três meses mais tarde encontrei uma senhora bem diferente das outras que havia encontrado antes. Ela perguntou-me se queria ouvir a Deus e juntas fizemos um momento de silêncio. Nada ouvi. Estava tão confusa!

Entretanto na manhã seguinte, tentei essa experiência uma vez mais e tive o pensamento de escrever uma carta ao meu marido. Admiti os meus erros e pedi desculpas por eles. Senti-me aliviada. Naquela noite o meu marido também teve uma experiência. Ele tinha sido um homem muito amargo e freqüentemente se rebelava contra Deus quando as coisas não iam como ele desejava. Durante a noite ele teve o pensamento que tinha vivido da maneira errada durante longo tempo.

No dia seguinte veio ver-me. Conversamos longamente e jamais esquecerei o seu rosto — tinha mudado. Desde então estamos vivendo juntos novamente. Nesse interim a família cresceu. Agora temos 3 crianças, dois filhos e uma filha de 2 anos. Sergio está agora com 9 anos e é um menino muito feliz com uma profunda fé. É ele que me chama para rezar à noite e a escutar a voz de Deus. Recentemente ele disse: "Tenho tanta sorte de ter aprendido a escutar a Deus quando ainda era pequeno."

Já não trabalho mais o dia todo e fico mais tempo em casa. Estou convencida que foi a decisão certa. As crianças conversam muito comigo. Quem é que iria escutá-las e educá-las se eu não estivesse em casa?

Nosso filho Alexandre está agora com 5 anos. Ambos meninos são amigos, mas como todas as crianças, brigam muito. Durante uma dessas brigas, Alexandre estava culpando o irmão por alguma coisa em que *e/e* tinha errado. Tentei em vão descobrir a verdade, mas Alexandre ficou firme em culpar o irmão. Subitamente tive o pensamento de perguntar se ele não estava ouvindo uma vozinha dizendo-lhe para dizer a verdade. Ele olhou para mim com espanto e respondeu: "Como você sabe, mamãe?" Todos nós desatamos a rir!

Nossa filha Susana foi realmente uma dádiva de Deus, pois desejávamos muito ter uma menina. Meu marido diz: "Quando chego cansado do trabalho, ou estou mal humorado, ela é como um raio de sol que abre o meu coração."

Uma professora canadense me contou a história de como uma mãe indiana ajudou seu filho a vencer sua gagueira.

Farham era um garoto de dezesseis anos que queria muito ser médico, mas achava que isto não ia ser possível devido a uma violenta gagueira. Quando estive acamada, na Índia, devido a um envenenamento no sangue, sua mãe, Mani, costumava vir me visitar. Ela se referia freqüentemente à dificuldade de Farham, e um dia eu lhe perguntei se ele sempre havia gaguejado. Ela respondeu que até os cinco anos de idade ele não havia sido gago. Perguntei o motivo pelo qual ele subitamente havia começado a gaguejar. Ela me respondeu que não sabia, mas eu tinha certeza que sabia.

Um dia sugeri que escutássemos à Voz Interior e pedíssemos a Deus para nos mostrar como é que Farham poderia ser ajudado. Alguns dias se passaram sem que nenhuma idéia lhe ocorresse. Foi aí que ela decidiu ser honesta comigo. Quando Farham tinha cinco anos ela havia se zangado com ele por algum pequeno motivo e o havia deixado trancado no escuro do lado de fora da casa durante duas horas. Farham havia ficado apavorado e daí por diante passou a gaguejar.

Sugeri a Mani que ela fosse honesta com Farham. De início recusou-se a fazer isto com medo do que Farham iria pensar dela, mas depois de um tempo de reflexão decidiu fazê-lo.

O resultado foi o que ela havia temido. Farham se voltou contra ela e perguntou, "Como é que você foi capaz de fazer

isto comigo?" Mani achou que ela havia tomado a decisão errada.

Uns dias depois, também quando estávamos escutando juntas, Mani teve a idéia de preparar um lanche gostoso para quando Farham chegasse do colégio. Farham comia os lanches mas mantinha-se distante da mãe e não queria saber dela.

Esta situação estendeu-se por algumas semanas até que um dia Mani teve a idéia de fazer um casaco de tricô para Farham. Quando ele chegou do colégio, apontou para o casaco e perguntou, "É para mim?" Mani fez um gesto com a cabeça indicando que sim. Farham então correu para sua mãe, abraçou-a e disse que a amava. Desse momento em diante ele parou de gaguejar.



Mani veio imediatamente me visitar e com lágrimas escorrendo pelo rosto, disse, "Farham parou de gaguejar, ele parou de gaguejar"!

Uma mulher de um país muçulmano nos enviou estas reflexões:

'Sou teimosa. Eu nunca mudo de opinião.'

'Não discuta. Faça o que eu estou lhe mandando.'

Estes tipos de comentários fazem com que as pessoas requeiem. Sob uma aparente calma elas podem estar sentindo raiva, ressentimento, desespero.

Comecei a compreender este tipo de conflito quando fiz a inesperada descoberta que havia sido programada com um Não Automático. Comecei a observar a operação do Não Auto-



mático em mim mesma e nos outros. Parecia que, independentemente do assunto — uma sugestão diferente em nosso Clube de Mulheres, o desejo de uma das crianças de ir ao cinema — minha primeira reação era Não. Mais tarde era possível que eu tomasse uma atitude mais positiva.

Isto não era uma verdadeira mudança de opinião, já que para começar não havia nenhuma reflexão, simplesmente a emissão de uma resposta instantânea. A resposta refletida vinha mais tarde e podia ser Sim, Não ou Talvez.

A minha descoberta seguinte foi que meu marido possuía uma resposta automática semelhante que também o fazia dizer Não. Isto explicava porque nos irritávamos tão frequentemente um com o outro.

Daí se seguiu a necessidade de avisar meus filhos, meu marido e alguns colegas que eu possuía um Não Automático e

preveni-los no sentido de não tomarem minha reação inicial como se fosse a final. "Só me dêem um tempinho," eu lhes disse.

Quando eu tinha que tomar uma decisão em casa, algumas vezes dizia, "Se você quer minha resposta agora, é Não, de forma que é melhor você voltar dentro de meia hora e ver o que é que eu digo então." Isto funcionava muito melhor!

Um dia em que meu marido havia saído, fiquei em casa ensaiando mentalmente um discurso para lhe dizer exatamente o que achava, e enquanto isso para dar mais ênfase ao meu ponto de vista ia apunhalando o ar com meu dedo. De repente me lembrei da 'arma secreta' que uma amiga havia me dado. Olhei para ela — minha mão, com um dedo apontando acusadoramente para meu marido e três outros apontando diretamente para mim.

Eu me perguntei, "Mesmo que as coisas que você está dizendo sobre seu marido sejam verdade, o que é que você tem de mais para merecer o seu amor? Na verdade você tem é sorte que ele a tenha aturado por tantos anos. Como é que você demonstra seu amor por ele? Você nunca perde uma oportunidade de alfinetá-lo, principalmente em público. Você chega ao cúmulo de usar seus filhos para magoá-lo, porque você conhece os pontos fracos dele e consegue atingi-los dizendo, 'Pergunte isto a seu pai, e pergunte aquilo a seu pai'."

Compreendi que havia chegado a hora de mudar antes que fosse tarde demais. Se eu amava meu marido, tinha que começar a demonstrá-lo.

Então um dia tive uma experiência pela qual nunca havíamos passado antes — meu marido na prisão, eu sem emprego, uma criança no colégio, e nenhuma vida social. Tive medo que nossa pequena comunidade — mãe e filho — se tornasse neurótica. Perguntei a Deus o que é que eu podia fazer. A resposta foi simples e clara, "Escute".

Eu não conseguia realmente ver qual a vantagem de escutar, mas decidi tentar. Assim, quando meu filho chegou da escola resisti à tentação de usar o tempo e poluir a atmosfera com todas as coisas que me passavam pela cabeça. Para minha grande surpresa, ele começou a fazer comentários e perguntas que demonstravam suas esperanças e seus medos. Por exemplo, ele perguntou, "Se alguém me xinga no ônibus, o que é que eu devo fazer?"

EDUCANDO OS PAIS

Isto foi há muitos anos atrás, mas nunca vou me esquecer os caminhos de novas experiências e compreensão que se abriram para mim quando comecei a escutar.

Não é fácil encontrar uma linguagem comum quando se trata de diferentes religiões. Os termos utilizados por uma pessoa podem estar repletos de emoção e sentido para ela própria mas podem ser palavras vazias para o outro. Meu marido é muçulmano e eu sou cristã. Foi através de ouvir a voz interior que nós encontramos uma linguagem comum em religião.

Uma mãe americana admite que sua família não saiu de acordo com os seus sonhos.

Ser mãe era a única coisa que eu queria ser em toda a minha vida. Até mesmo chegava a me chamar de mãe profissional. Ainda assim minha família não saiu do jeito que eu havia imaginado. É certo que quando as crianças eram bebês, eu me divertia tanto 'brincando de bonecas' e depois 'brincando de professora', que nem percebi que eu estava deixando muito a desejar como a 'mãe' que constrói o caráter.

Nosso filho mais velho foi o primeiro a desafiar toda a minha sabedoria e psicologia. Ele chegou através de uma cesariana e aí deu início à sua maneira individual de enfrentar a vida, fazendo as coisas à sua própria maneira. Antes de completar um ano, já conseguia subir a grade de seu berço, e por volta de um ano e meio já estava escalando o muro de quase dois metros de altura que cercava o jardim. Com cinco anos estava construindo um barco no nosso porão. Sua professora me apontou a maravilha que eu não estava vendo quando comentou, "Como é maravilhoso ter um filho pequeno, tão empreendedor"!

Três anos mais tarde uma amiga na igreja me abriu novamente os olhos quando solicitou que as mulheres presentes rezassem por cada membro de suas famílias, agradecendo a Deus por algo especial em cada uma delas. As lágrimas começaram a rolar quando chegou a hora de rezar por este menino. Eu não conseguia pensar uma coisa positiva a seu respeito para agradecer a Deus. Fui para casa e comecei a observá-lo mais de perto procurando descobrir o que havia de bom e positivo nele e agradecer a Deus por ele. Na realidade, era isto que ele estava

precisando porque a estas alturas já havia duas outras crianças e dificilmente ele era notado a não ser que fizesse alguma travessura. Eu me dei conta então da necessidade de prestar atenção a ele quando estava se comportando bem para poupar-lhe a necessidade de se comportar mal!

As crianças sabem distinguir o certo do errado. Mas é preciso que eles enfrentem suas próprias consciências, sem o que não há saída. Foi isto a prova de meu fracasso como mãe. Cada um de nossos filhos caíram em tentações contra as quais Deus os poderia ter fortalecido ou onde o uso dos padrões absolutos, lhes teria permitido atravessar com segurança — tentações de roubar, mentir, seduzir, enganar, experimentar drogas e sexo.

Então como é que meu marido e eu reagimos quando nossos filhos nos desapontaram? No início da jogada reagimo com raiva e orgulho ferido. Mas isto não ajudou a melhorar os defeitos na comunicação. Pelo contrário, nosso filho mais velho chegou a me perguntar várias vezes se nós queríamos afastá-lo de casa da mesma forma que nosso vizinho havia feito com o filho dele.

Aprendi a dizer, "Quando eu conseguir controlar minhas emoções nós conversaremos". Aí então, na calma, podemos falar e escutar. E geralmente surge uma idéia que me ajuda ou a manejar minhas emoções ou a saber qual a próxima medida a ser tomada.

Nosso filho mais velho foi morar com sua namorada pouco tempo depois de termos ido para o exterior. Nós nos sentimos magoados com sua decisão e o medo de que isto causasse sofrimento a eles aumentava nosso sofrimento. Mas vendo a coisa em retrospecto nós nos demos conta de que muitos de nossos sentimentos surgiam do nosso próprio orgulho ferido. Se pudéssemos deixar isto de lado e manter a comunicação em aberto, talvez pudéssemos ajudá-los a fortalecer sua relação e transformá-la naquela dedicada e permanente que desejávamos para eles.

Então, nós escrevemos a eles sobre nossos sentimentos, decepções, medos e esperanças, e eles responderam a respeito dos deles. E quando, fizeram planos para seu casamento, nosso filho escreveu, "As coisas estão ficando cada vez melhores, e eu acho que é devido ao maravilhoso apoio de vocês". (Nos-

so único apoio havia sido nossa aceitação e amor, apesar das nossas primeiras reações).

Eu me considero um fracasso como mãe em muitas coisas. O tempo dirá. Mas gostaria de ser uma das pessoas que ajudam outras mães — os pais de amanhã — a darem início à carreira de mãe um pouco mais preparadas e muito mais orientadas do que eu. É necessário muita coisa além de dedicação e amor para ser um bom pai ou mãe.

Lendo as histórias que se seguem, enviadas por uma jornalista sueca, eu pude me identificar com muitos dos incidentes que ela descreve.

Quando me casei eu tinha uma imagem de como deveria ser uma verdadeira família cristã. Era uma linda teoria, que na realidade não funcionou de todo. Mas o que descobri é que existe um determinado caminho para cada mulher, independente do que seu marido pensa ou acredita. Deus pode mostrar as maneiras mais maravilhosas de descobrir o melhor em cada membro da família e utilizá-lo para criar união. A coisa é que, alguém tem que começar, alguém tem que escutá-lo. Se numa família existe um só ouvinte, a esperança é total e maravilhosa. Eu estou dizendo isto depois de dezenove anos de experiência.

Quando as crianças eram pequenas havia sempre uma batalha entre ver televisão e ir para a cama. Depois das sete da noite, elas não tinham permissão para assistir nenhum programa. Às vezes, tínhamos que trancar a porta da sala da televisão, e eles batiam, atiravam sapatos ou outras coisas e berrevavam do lado de fora da porta. Era horrível. Eu tinha que encontrar uma solução.

Sentei-me para escutar. Imediatamente me veio uma pergunta à cabeça. “Antes deles irem para a cama será que você deu a eles tudo o que necessitam? Você leu para eles, rezou com eles, deu-lhes o beijo de boa noite, e os ajeitou dentro das cobertas?” Minha resposta foi, “Não”. Havia programas de TV que eu queria assistir e por isso punha as crianças na cama depressa. Próxima questão: “O que é mais importante — seu desejo de assistir televisão ou sua tarefa de como mãe, dar às crianças a paz e o carinho que elas necessitam antes de ir dormir?”



Minha decisão foi a de parar de assistir TV antes das crianças estarem na cama. A paz voltou a reinar em casa. Depois de eu ter contado a eles sobre meu egoísmo e minha decisão, aconteceu de algumas vezes eles generosamente dizerem, "Mãe, porque você não vai assistir televisão agora? Nós vamos dormir direitinho". Eles tinham então dois, quatro e oito anos.

As batalhas na hora de ir para a cama não acabaram à medida que os anos foram se passando, pelo contrário, aumentaram. Eles nunca queriam ir para a cama na hora certa. O que é que eu deveria fazer? Fazer com que eles se sentassem e pensassem qual deveria ser a hora certa para cada um. Opa! Porque é que eu não havia pensado nisso antes? Quando se deixa as crianças decidirem por si, elas são tão exigentes, tão morais, e adoram obedecer suas próprias ordens. A mais nova de quatro anos, achou que deveria ir para a cama às seis horas; a outra às sete, e o próximo às oito. Nada mais de batalhas! Mas em cada aniversário a primeira idéia era, "Agora eu estou um ano mais velha. Posso ir para a cama meia hora mais tarde." Isto ainda funciona para as duas crianças mais novas, agora com onze e treze anos de idade!

Durante uns anos, os longos cabelos dos Beatles foram uma praga em todas as famílias, inclusive a nossa. Nosso filho mais velho, então com oito anos, queria que seu cabelo ficasse

EDUCANDO OS PAIS

comprido e não permitia nenhum corte. O que fazer? Bem, eu não podia decidir. Ele tinha que encontrar a solução em seu próprio coração. Então sugeri que nós ficássemos um pouco em silêncio e escutássemos. Ele ficou ali sentado no sofá, ligeiramente mal-humorado. Subitamente correu ao banheiro, voltou com a tesoura e entregou-a para mim. Com um sorriso! Depois disto eu tive permissão para cortar seu cabelo até a idade de dezessete anos.

Nossa filha mais moça é muito sensível. Quando ela tinha cinco anos ela começou com um tique nervoso de piscar. Tudo indicava que não era uma deficiência física. Gradualmente isto foi desaparecendo, mas outras coisas se seguiram, culminando, quando ela tinha oito anos, com um tremor no corpo inteiro. Era horrível. Riam dela no colégio e nós não sabíamos o que era até que a enfermeira da escola sugeriu que fôssemos a um psicólogo. E lá estávamos nós. Eu a levei uma vez por semana durante vários meses e depois disto nós, os pais, fomos chamados. Tivemos quatro sessões com o psicólogo. Elas foram terríveis.

Descobrimos que nossa filha não podia suportar a desunião entre seus pais. Era este o verdadeiro motivo dos sintomas.

Ela mesma expressou isto um dia, da seguinte maneira: "Mãe, eu sinto muita dor quando Papai é duro com você, porque eu gosto de você. Mas doí do mesmo jeito quando você o magoa, porque eu gosto dele." Nossa decisão de tentar ser mais unidos e resolver nossas diferenças sem que nossos ânimos se exaltem ajudou-a a resolver seus problemas.

Uma noite, pouco após o nascimento de nosso segundo filho, eu estava muito cansada e sob pressão. Era preciso preparar a refeição da noite, arrumar as coisas para a hora de dormir, etc. Fui ficando cada vez mais irritada e a atmosfera foi ficando cada vez mais carregada. Foi então que meu filho de quatro anos chegou perto de mim, e com a mão em meu braço e cheio de preocupação disse, "Mãe, vá para a cama. Você sabe o que vai acontecer se você não for"! O que é que aconteceria? Será que eu devia aceitar esta humilhante clarividência do meu filho pequeno? Todo o meu prestígio materno se levantou em protesto. Ele ficou ali, calmo e confiante, e disse com um ligeiro sorriso, "Eu tomo conta do pequenininho". Fui para a cama e a paz voltou ao nosso lar.

Quando as crianças cresceram, começaram a nos ajudar a encontrarmos união quando não estávamos de acordo; isto era particularmente verdadeiro em relação à nossa filha. Um dia meu marido e eu tivemos uma briga. Ela veio ter comigo na cozinha e disse, "Mãe, será que você não pode perdoar o Papai?"

Para minha vergonha, tive de admitir que desta vez era a famosa gota d'água. "Eu estou amargurada, e simplesmente não posso."

Ela se debruçou sobre a mesa da cozinha e disse pausada e intensamente, "Mas, Mãe você só diz, 'Desculpe'. É só isso. É tão simples. Só uma palavra. Desculpe. Bem, eu sei que no princípio é difícil, mas depois que você acaba de dizer, é muito simples e maravilhoso."

Fiquei ali sentada com o coração duro como uma pedra.

Ela perguntou, "Será que você não podia fazer um cafezinho?" Nós muitas vezes bebemos o que chamamos de 'café da reconciliação'. Lentamente dirigi-me ao fogão, ainda rígida e azeda. Ela ouviu seu pai descendo e olhou para mim, em pé, toda tensa no meio da cozinha. Ele parou na porta, olhando desconfiado para mim. Eu disse lentamente (na verdade era muito difícil), "Você quer um pouco de café?" Isto tinha o significado de, "Desculpe".

Ele correu para o fogão, me beijou todo feliz e disse, "Quero sim, obrigado"! E ali estava nossa filha dando pulos e



gritando, "Eu consegui, eu consegui! Eu disse para mamãe fazer isto"! Ela pegou um biscoito de gengibre, quebrou-o em três pedaços, e cada um de nós comeu em silêncio, sabendo que tudo estava bem graças a ela!

Uma outra vez nós estávamos brigando na cozinha. Nossa filha ouviu e saiu correndo para o quarto dela. Depois de meia hora ela desceu. "Está tudo bem agora"? ela perguntou. "Vocês estão amigos?"

"Sim", disse eu, "estamos amigos."

"Eu sei", ela disse toda orgulhosa, "Eu sei que vocês estão porque eu rezei por vocês"!

Meu marido e eu somos ambas pessoas muito trabalhadoras. Viajo freqüentemente, trabalho demais e chego em casa exausta. Durante os primeiros anos de nosso casamento ele ficava furioso comigo e tentou proibir minhas viagens. Depois descobri que com sua ajuda eu podia organizá-las sensatamente. Eu tinha sido independente demais, sem saber quanta alegria existe em partilhar nossos planos e nossos encargos!

Assim mesmo, um dia meu marido disse 'Não' a uma viagem especial. Fiquei furiosa, depois triste. Por fim me ocorreu um pensamento, "Porque não decidir em família?" Tentei organizar um conselho de família. Impossível. Você tem é que pegar o momento certo, tal como aquele em que todos estão sentados em volta da mesa da cozinha depois de um bom jantar ao por do sol. Coloquei o problema na mesa. E as crianças disseram abertamente o que eu achei que elas jamais ousariam dizer.

"Papai, você é um ditador se proibir Mamãe de ir nesta viagem," disse o que tinha onze anos.

Para nossa surpresa meu marido respondeu suavemente, "Vocês acham isto? Talvez eu seja."

A pequena de nove anos disse, "Nós podemos passar sem você Mãe, durante dez dias. Nós temos Papai."

E meu marido disse, "Porque nós não fazemos primeiro um passeio juntos em família e depois deixamos você no aeroporto?" Assim ficou decidido e todo mundo estava feliz.

Há muitas histórias para contar, mas estas são as que eu me lembro agora. Quando vejo as crianças hoje, e me lembro da tempestuosa infância porque passaram, e a maturidade que elas agora possuem, tenho certeza que isto foi uma graça.

Quando vejo meu marido e eu, casados por dezenove anos 'para o melhor e para o pior' através de todos os conflitos e tristezas, dores e alegrias, sei que isto também é uma graça. Talvez a fidelidade de escutar a voz interior tenha tido uma parte para manter a fé viva. Sem uma fé viva eu não sei como é que se pode manter um casamento ou ter união familiar.

A esposa de um industrial japonês escreve:

Eu costumava pensar que meu marido precisava de alguma forma mudar seu estilo de vida, enquanto eu não tinha nenhum defeito, porque eu estava sempre certa. Meu marido sentia o oposto! Mas então comecei a ver que eu estava errada e que realmente tinha que mudar.

Uma manhã meu marido admitiu de uma maneira muito franca e honesta os seus erros e me pediu desculpas. Fiquei muito grata por sua honestidade — mas um mês mais tarde tivemos outra divergência. Fiquei irritada. Um de meus amigos sugeriu que eu deveria escrever tudo o que eu estava pensando sobre meu marido, e então comecei. Tinha sentimentos negativos em relação a ele. Fiquei chocada quando percebi que não havia perdoado nem mesmo os menores erros que ele havia confessado.

Pouco depois tive uma febre altíssima e fiquei de cama por alguns dias. Neste período senti coisas muito estranhas. Senti Jesus a meu lado e Ele era tão amigo, e tentava me consolar. Compreendi que havia tratado mal meu marido e o quão profundamente eu havia ferido os sentimentos de outras pessoas, tudo isso achando que estava fazendo a coisa certa.

Um dia minha filha subitamente deixou de ir ao colégio. Eu não sabia como ajudá-la. Uma amiga me escreveu e disse, "Meu coração está sempre junto à sua família e minha afeição por você e a confiança que eu deposito em você não podem ser afetadas pelo tempo e pela distância. Deus ajudará você a cada hora, a cada dia, se você o permitir. Sua filha é ótima pessoa. As batalhas são inevitáveis na vida, mas você as vencerá todas com a paz daqueles que confiam em Deus."

Foi um choque ler aquelas palavras — 'se você o permitir'. Até então eu pensava que tinha que fazer tudo por mim mesma, e isto significava que eu não tinha a confiança em Deus. Tinha muito medo de me entregar a Ele. Então percebi que a

ternura que eu havia recebido naquela carta não vinha de um ser humano, mas de Deus. E esse tipo de amor é duradouro. Decidi colocar tudo nas mãos de Deus, independente do que viesse a acontecer. Ao longo do tempo minha filha voltou para o colégio. E ela se tornou uma ótima pessoa, assim como se um botão tivesse subitamente desabrochado.

Um dia li uma história, *Prisioneiro de Mao*, por Jean Pasqualini, e tive um grande choque. Eu sei que há muitas pessoas sofrendo na Ásia, enquanto nós gozamos de liberdade aqui no Japão. Graças ao nosso desenvolvimento econômico nós, os japoneses, não estamos passando fome como aconteceu durante a guerra, mas por outro lado perdemos algumas das nossas amizades. Temos que fazer alguma coisa por esses outros povos da Ásia. Se continuarmos nosso caminho egoísta, o Japão caminhará para a destruição.

Quando nosso primeiro neto nasceu, pensei, "É nosso dever construir uma sociedade melhor para quando ele crescer." Eu gostaria de deixar para ele luz e esperança para guiá-lo no futuro. O Vietnam Livre foi derrotado e isto foi um grande choque na Ásia. Quem é que vai assumir a responsabilidade na Ásia? O Japão deve ser o farol da Ásia.



5 O poder da família

O DIVÓRCIO ATINGIU agora proporções epidêmicas na maioria dos países 'desenvolvidos.' Na América, no ano passado, houve um milhão de divórcios, e na Grã-Bretanha, nos últimos dez anos, triplicou o número de petições por cada cem mil habitantes. O The Times de 11 de novembro de 1978 publicou que na Rússia, um terço de todos os cidadãos soviéticos que se casaram em 1977 já pediram divórcio. Enquanto isto, uma pesquisa na Grã-Bretanha indica que o desaparecimento de um dos pais devido à dissolução da família é muito mais prejudicial a uma criança do que a morte de um deles.

Uma das características desta epidemia é o número cada vez maior de casais que se divorciam depois de terem vivido juntos, aparentemente felizes, por vinte ou trinta anos. No verão passado, quando estive na Holanda, li um artigo muito interessante que se intitulava, "A família — o último item na agenda de um empresário". Dizia este artigo, "A carreira geralmente coloca de lado a vida de família e quando o marido



O PODER DA FAMÍLIA

se dá conta disso, já é tarde demais.” “Até os trinta e cinco anos, um homem obtém grande parte de sua satisfação através de seu trabalho. Sua participação na vida da família restringe-se geralmente a fazer dinheiro e crianças. Por volta dos quarenta anos, no entanto, as coisas começam a mudar. Sua satisfação depende mais dos acontecimentos em seu lar. Ele começa a se preocupar com seus filhos. O bebê transformou-se rapidamente num adolescente. Será que ele não deixou de lado o essencial?”

*“Ironicamente, neste estágio a mulher valoriza menos seu casamento. Ela não espera muito mais de seu relacionamento com o marido. O casamento necessita de uma renovação fundamental para poder sobreviver.”**

Eu sei que não é necessário que o casamento se transforme numa rotina sem atrativos da qual desejamos escapar. Ele se torna monótono quando perdemos de vista seu objetivo. Será que a mais elevada função de uma família é simplesmente perpetuar a vida — ou criar um estilo de vida que valha a pena ser perpetuado? A unidade familiar pode vir a ser uma fonte de poder para transformar a sociedade.

Uma mãe inglesa com três filhos nos escreve:

Escutar juntos. Esta tem sido uma experiência muito interessante. Foi meu marido, Blair, que propôs pela primeira vez tentarmos essa experiência. Tivemos algumas vezes as mesmas idéias e ficamos entusiasmados por termos escutado a mesma voz.

Mas numa manhã surgiu em minha mente um retrato de todas as garrafas de bebida no bufete da nossa sala de jantar. Senti um impulso de fazer uma limpeza naquela prateleira, e podia vê-la em minha mente, limpa e arrumada mas sem lugar para as garrafas de bebidas alcoólicas. O que eu não conseguia era enfrentar a idéia de jogar fora todas aquelas garrafas — pensava só em todo o dinheiro que elas nos haviam custado!

Lutei com isto durante muitas semanas.

Nesse meio tempo, nós dois cessamos de receber pensamentos de Deus. Alguma coisa havia bloqueado nossa comu-

* Accent, 15 de julho de 1978

O PODER DA FAMÍLIA

nicação. Eu não tinha tido coragem de contar a meu marido as idéias que eu havia tido sobre as bebidas. Quando finalmente contei, ele disse que me ajudaria todas às vezes que eu estivesse tentada a ceder ao desejo de estocar nossa prateleira de bebidas para nossas festas e convidados. Fiquei, e ainda estou, muito agradecida a ele, porque não só desapareceu meu desejo de servir toda hora bebidas alcoólicas fortes aos convidados, como também minha dependência do álcool como estimulante e refugio. Agora não sentimos que é necessário servir drinques quando recebemos e não temos mais bebidas alcoólicas no bufete. Blair e eu nos aproximamos um do outro porque ele foi capaz de compreender e me ajudar em meu problema.



Em consequência disto, o comportamento das crianças, então com cinco e seis anos de idade, que se havia tornado difícil quando recebíamos convidados e servíamos coquetéis, melhorou consideravelmente. Duas coisas específicas me preocupavam em relação à minha filha mais velha — o aparecimento de um choramingar durante o dia e muita tosse durante a noite. Eu tinha certeza que eram o resultado de alguma coisa errada em minha vida. Foi quando me vi liberta do problema da bebida que esses sintomas dela desapareceram. O que é importante para mim não é o álcool, mas o fato de que se houver em nossas vidas algo que não encaramos honestamente com Deus, isto então certamente causará algum tipo de distúrbio que afeta diretamente a família.

Recentemente meu marido e eu tivemos uma discussão. Engoli meu orgulho e sugeri que escutássemos a Deus para obter ajuda. Blair concordou que realmente estávamos precisando disto. Imediatamente comecei a pensar no nosso namoro. Este surgiu diante de meus olhos como se fosse um filme — um acontecimento conduzindo a outro. Foi aí que inconfortavelmente percebi que eu havia iludido Blair desde o início do nosso relacionamento, fazendo de conta que eu era um tipo de pessoa livre e desinibida que não dava a menor importância ao casamento ou à vida de família, ou à estabilidade ou mesmo se hoje ele estava comigo e no dia seguinte não. A verdade, é que no fundo eu me importava desesperadamente e queria que ele me pedisse em casamento. E através dos meios mais sutis eu fazia tudo no sentido de ter certeza de que 'no dia seguinte' ele ainda estaria comigo.

Então, me dei conta do fato, ainda mais desconfortável, de que o Senhor estava me pedindo para contar tudo isto a Blair sem modificar coisa alguma. Fazia poucos dias, havíamos feito uma promessa a Deus, de que pretendíamos viver nossas vidas, dentro de nossas possibilidades, de acordo com Sua vontade. Eu sabia que se eu quisesse ser realmente sincera em minhas palavras, devia contar a verdade a Blair, e é exatamente isto que fiz.

Blair só disse, "Sabe de uma coisa, estou muito aliviado em saber que você é humana como todos nós. Acho que nosso relacionamento vai ser mais tranquilo e menos complicado devido ao que você me contou."

Isto aconteceu de fato, e em vez de humilhada eu me sinto liberta por esta experiência.

Uma mãe suíça acha que as crianças podem ser tão corajosas quanto Solzhenitsyn.

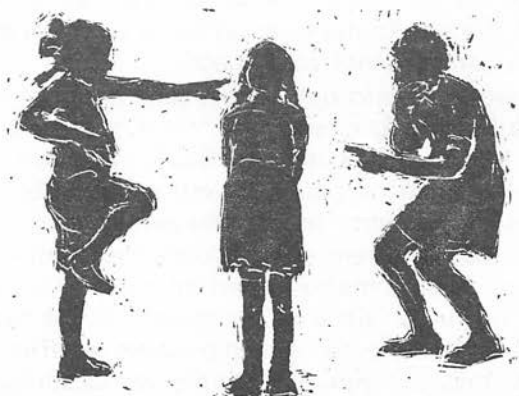
Nós gostamos da vida em família. Com duas filhas de dez e doze anos de idade, estamos entrando no período da adolescência. A longo prazo, nosso objetivo tem sido prepará-las para um mundo que se move rapidamente — isto é, prontas para as mudanças, assim como fieis aos valores permanentes. Duas qualidades que têm as suas raízes numa profunda amizade pessoal para com seu Criador.

O PODER DA FAMÍLIA

Eu sempre havia tido preocupações com as más influências, e acordada na cama uma noite, com medo do fluxo de permissividade, egoísmo e sujeira, que as crianças têm de enfrentar, ocorreu-me uma idéia. "Você aceita que suas filhas, mesmo nesta tenra idade, possam ser uns 'mini-Solzhenitsyns', rebelando-se contra a ditadura da permissividade, e se necessário lutar e sofrer por isto contra alguns de seus colegas ou professores?"

É claro que a coisa que mais detesto na vida é ver minhas filhas sofrerem. Mas qual a vantagem de elogiar as pessoas corajosas que arriscam suas vidas e sua segurança se não quero que minhas filhas paguem o preço da impopularidade? Alí deitada no escuro eu disse "Sim" ao que estivesse pela frente, e o meu medo desapareceu.

Nessa mesma época se deu um fato interessante. A nossa filha mais velha, de doze anos, assumiu uma posição definida frente a seus colegas, todos maiores e mais fortes do que ela. Eles fizeram uma gozação com ela quando, por exemplo, ela disse que não queria namorar até ter pelo menos dezoito anos (a seus olhos, uma idade muito adulta) e que se ela tivesse um namorado, seria para casar e nada mais. Nós nunca havíamos lhe dado conselhos sobre o assunto, mas ela ficou firme, recusando qualquer concessão. Durante umas semanas ela foi alvo de ataques maldosos e vivia constantemente chorando, mas finalmente isto terminou e ela acabou sendo totalmente aceita em sua turma e passaram a se divertir muito. É claro



O PODER DA FAMÍLIA

que as coisas ainda não chegaram ao fim para nós — será que elas chegam ao fim para alguém? Ainda estamos no início da adolescência. Mas tenho observado com grande surpresa que os jovens sabem distinguir o certo do errado e são capazes de demonstrar uma incrível coragem.

Uma vez eu perguntei, em separado, às minhas duas filhas, “O que é que dá segurança a uma criança?” e a resposta instantânea de cada uma — “Os pais.” Pouco depois a mais velha acrescentou hesitando, “E Deus.”

Observando seus colegas com seus filhos, Michel meu marido, sentiu que um dos elementos importantes é as crianças estarem certas que seus pais não vão se separar apesar das dificuldades ou diferenças que possam existir.

O segundo fator é a segurança dos próprios pais. Se os pais encontram segurança (para nós pessoalmente ela está em Deus), aumenta a probabilidade de suas crianças também a encontrarem. A segurança que os pais tem, ou não tem, no fundo de seu coração, é o que importa.

Em janeiro do ano passado, meu marido, que é arquiteto, sofreu um grande corte em seu salário, e mesmo a ameaça de desemprego. Por alguns dias tive que lutar com meu medo e depressão. As crianças conheciam os fatos e a mais velha foi particularmente afetada por eles. De noite eu me preocupava com o sofrimento de meu marido, com a possibilidade de faltar dinheiro e ser humilhada. Mais uma vez tive de dizer “Sim” à dureza da vida e depois colocar tudo nas mãos de Deus; imediatamente a paz e a confiança voltaram a mim e à toda a família. A disposição das crianças de se sacrificarem e economizarem foi também motivo de alegria.

Outro elemento que Michel acha importante é consagrar tempo suficiente às crianças de forma que elas possam expressar seus sentimentos e dúvidas. Seu tempo livre é dado sem limitações às crianças, para se divertirem ou trabalharem juntos. As vezes me pergunto se isto não explica em parte o fato de elas ainda não sentirem a necessidade de terem um namorado.

Duas pessoas muito importantes são as avós (infelizmente ambos os avôs faleceram antes das crianças nascerem). Uma das avós mora conosco. Isto implica em sacrifícios para as três gerações, mas conseguimos sempre ver as vantagens da situação. Vovó tem mais tempo para as crianças e possui maior pers-

pectiva e mais paz. É possível sentir isso no momento em que se entra em seu quarto. Quando ela veio morar conosco tomou a sábia decisão que as crianças, por serem nossas filhas, deveriam ser educadas por nós e não por ela; ela não havia vindo para interferir e sim oferecer o que tinha para dar. E assim ela o faz, e as crianças jamais se esquecerão dos tempos que passaram com ela. Compreendo porque Krushchev declarou que não podia destruir a fé russa por causa das avós.

Por outro lado, as crianças dão às pessoas mais idosas aquilo que nós, as muito ocupadas, nem sempre estamos preparadas para dar. Ao verificar a fragilidade da velhice, as crianças demonstram pena e carinho com todo o frescor e a alegria que estão nelas.

Geralmente as pessoas dizem à minha mãe, "Você tem sorte de viver com sua filha." Outras me dizem, "Você tem sorte de ter sua mãe com você." Isto tudo é verdade, dentro de certas condições! Primeiro, necessitamos ser todos extremamente honestos sobre os nossos sentimentos, porque senão mágoas e impaciência ou medo se instalam entre nós. As coisas que são ditas e postas para fora são solucionáveis e geralmente acabam entre risadas. Segundo, ambos os lados têm de estar abertos à mudança e conscientes das necessidades dos outros.

Tomar conta, no sentido mais amplo, de uma família toma muito tempo e energia. E isto nos leva a uma questão muito discutida hoje em dia: "Você está contente em ser uma mãe e dona-de-casa?" Minha resposta é, "Sim, imensamente!" Acho que é um privilégio ter tempo para dar às crianças, a seus amigos, a outras famílias e professores.

Apesar de não ocupar nenhum cargo oficial, muitas vezes pude ajudar a modificar o espírito da escola, ou mesmo da região. Eu simplesmente obedeco àquela voz interior que me diz para escrever uma determinada carta ou dar um telefonema, mesmo se não sou ninguém, só uma das pessoas que faz parte da maioria ou minoria silenciosa! Uma vez achei que os católicos de nossa cidade estavam precisando de ajuda numa importante questão. Mesmo sendo protestante, escrevi uma carta que foi publicada em nosso jornal. Mais tarde soube que ela havia sido publicada na primeira página do jornal católico. Eu não posso fazer este tipo de coisa todos os dias, mas sei que enquanto estamos fazendo o serviço de casa nossas mentes geral-

mente estão livres para pensar. Os melhores pensamentos que me ocorrem geralmente surgem ao som do aspirador e no vai-e-vem do ferro!

Livre do passado, uma história da França:

ESPOSA: A psicologia moderna tem dado tanta ênfase a entender os outros com tolerância que a idéia de firmeza é geralmente considerada ultrapassada. Mas eu posso dizer que uma das maiores provas de amor que meu marido me deu foi a firmeza e perseverança com que me ajudou a enfrentar as dificuldades de minha vida que estavam ameaçando nosso casamento.

As exigências e a voracidade que existem na natureza das mulheres são freqüentemente aumentadas em dez vezes pelo casamento. As coisas que com maior ou menor dificuldade, reprimimos ou nos resignamos a renunciar quando solteiras, de repente surgem como direitos inalienáveis. Isto certamente é verdade em meu caso. Assim que me dei conta que não ia poder obter tudo o que eu queria de meu marido, eu me refugiei em lágrimas ou num silêncio repleto de queixas. De início, meu marido, desabituaado a este tipo de coisa, não sabia o que fazer. Então, um dia enquanto eu me entregava a um dos meus mau humores, ele me disse calmamente, "Eu volto para falar com você quando você estiver diferente," e saiu do quarto sem dizer mais nada. Subitamente eu me senti frente a um muro. Imediatamente, percebi que minhas exigências não tinham poder sobre ele e que elas tinham de acabar.

Meus pais se separaram e depois se divorciaram quando eu era uma adolescente. A vida dilacerada e agitada que vivi com meu pai, que se casou mais duas vezes, deixou-me com mágoas profundas. Pouco a pouco descobri que a mágoa que havia tomado conta de mim contra meu pai havia envenenado meu relacionamento com todas as pessoas, inclusive meu marido. Algumas mudanças começaram a ocorrer quando decidi perdoar meu pai e reabrir meu coração a ele. Mas a total clareza não surgiu até o dia em que consegui obter a completa cicatrização daquela mágoa ao transformar os acontecimentos mais dolorosos da minha vida no melhor instrumento que eu possuía para poder ajudar outras pessoas.

Isto se deu graças a meu marido. Ele sentiu que as primeiras mudanças que ocorreram em minha vida haviam sido reais, mas que algo ainda mais radical era possível. Eu não achei isto muito agradável mas decidi pensar sobre o assunto. Ocorreu-me que mesmo tendo perdoado meu pai ainda me restava pedir desculpas a ele. Escrevi-lhe. Quando mostrei o primeiro, e depois o segundo rascunho da carta a meu marido, ele me disse, "Não está muito convincente. Ainda consigo ler acusações nas entrelinhas. É como se você tivesse dizendo, 'Papai, se você tivesse se comportando diferentemente, então, não teria havido nenhum sofrimento'."

Enquanto eu estava escrevendo o terceiro rascunho, algo se rompeu nas profundezas do meu ser, deixando a realidade à



vista. Pela primeira vez senti um intenso desejo de ser perdoada pela crueldade que eu havia feito ao trancar por tantos anos o meu coração. Comecei a sentir em meus ossos a solidão de meu pai e minha responsabilidade por ela.

A carta foi enviada. Algumas semanas mais tarde recebi uma resposta profundamente emocionante, na qual, pela primeira vez, meu pai abria seu coração para mim e se desculpava por seus erros. Um grande peso caiu do meu coração. Eu estava reencontrando novamente um pai apesar de estarmos

O PODER DA FAMÍLIA

milhares de milhas afastados um do outro. A tentação de me sentir magoada ainda me rondava de vez em quando, mas nunca mais teve poder algum sobre minha vida.

MARIDO: Eu devo muito à simplicidade com que minha mulher me declarou uma noite, pouco depois de nosso casamento, "Eu gosto muito de você, mas quero que você saiba que Deus virá sempre em primeiro lugar em minha vida, antes mesmo de você." Eu devia ter ficado muito contente. Fiquei furioso. Fui para a cama furioso, e quando acordei na manhã seguinte ainda estava com tanta raiva que me recusei a descer para o café. Depois, no momento de escutar a voz interior percebi da importância do que havia acontecido entre nós na noite anterior. Minha esposa havia se libertado da prisão dentro



da qual minha vontade, meu orgulho e minha ambição a haviam colocado. Não é simplesmente que ela estivesse querendo se libertar, ela estava me oferecendo a melhor segurança para o nosso casamento e acima de tudo a melhor prova de amor que qualquer marido poderia desejar.

Ser livre é o grande slogan dos nossos tempos, ser livre da exploração e da alienação. Não há melhor lugar para se aprender e exercitar esta liberdade do que dentro da família. Eu geralmente me sinto perplexo quando vejo o grau de interdependência e dominação que existe em tantas famílias, particularmente entre as assim chamadas, boas e unidas. Se aprend-

O PODER DA FAMÍLIA

dermos a destruir esta dominação, que é geralmente chamada de amor, em nossas famílias talvez seremos capazes de criar um mundo habitado por homens e mulheres livres.

'Em que é que você gostaria que eu mudasse?' foi a pergunta que um francês fez à sua esposa. Este é o relato que ela faz dos acontecimentos:

Eu sempre havia querido me casar com um fazendeiro; e como filha de um médico parisiense meu sonho era morar no campo.

E foi exatamente isto o que aconteceu — talvez, um pouco longe já que fomos viver no Marrocos, mas isto só fez com que as coisas parecessem mais maravilhosas ainda.

Em 1912 meu sogro havia se estabelecido em Marrakesh no Marrocos, onde havia começado diversos empreendimentos. Foi na sua fazenda de 750 acres, a doze milhas da cidade, que Charles e eu iniciamos nossa vida.



O PODER DA FAMÍLIA

Havia lá um grande jardim cheio de rosas e gerânios; havia alamedas de oliveiras, um pomar com laranjas, abricós e amêndoas — havia cerca de dez mil árvores no total — e ainda muita terra virgem a ser cultivada. 'Levar meu bebê para fora' significava balançar seu berço de baixo do limoeiro, e mais tarde nossos três filhos gozaram o máximo desta vida junto à natureza.

Eu tive de começar a tentar aprender a língua árabe, nem que fosse só para entender a menina da fazenda que ajudava no serviço da casa.

Meus dias eram muito ocupados, e Charles algumas vezes me criticava por não estar livre para acompanhá-lo mais freqüentemente às plantações: invariavelmente estava na hora de alimentar o bebê ou mudar suas fraldas. Quando ele voltava à noite, ele se enterrava nos preciosos jornais enquanto eu costurava.

'A vida no campo' não parecia estar combinando com o ideal que eu havia sonhado para o nosso casamento.

Em 1954 a situação no Marrocos estava se tornando séria. De um lado havia uma campanha pela independência e do outro havia o governo francês relutante em abrir mão de seu protetorado. Alguns amigos nos falaram sobre Caux, o centro do Rearmamento Moral na Suíça, onde as soluções para muitos problemas políticos haviam começado a se delinear. Quando na primavera, recebemos um convite formal para comparecer à conferência de verão que se realizaria lá, imediatamente decidimos comparecer.

Em Caux, fomos a várias conferências e conhecemos muitas pessoas. Charles, no melhor estilo francês, argumentou ponto por ponto. Ele gostava muito de política e mantinha um bocado de opiniões sobre o assunto. Eu não estava nem um pouco interessada em negócios de estado, mas deixei ele falar e não me envolvi. Afinal, manter a paz no lar não é o papel de uma mulher? Eu achei que estava me saindo muito bem — eu me mantinha calada em todos os assuntos que pudessem fazer meu marido explodir. Desta forma nós raramente discutíamos qualquer coisa entre nós dois.

A vida do lar não havia saído da forma como eu esperava. Mas eu havia me resignado ao fato de que na Terra não se consegue nada perfeito e o melhor que se pode fazer é aprender a

O PODER DA FAMÍLIA

viver juntos. Lá em Caux, pela primeira vez, eu me defrontei com a idéia de 'transformação', a esperança de que é possível ser diferente.

Eu me lembro particularmente de um casal brasileiro. Ele havia sido um membro ativo de seu partido político e costumava passar todas as noites em seu sindicato fazendo grandes discursos sobre a liberdade individual enquanto ela, a esposa que se sacrificava, esperava melancolicamente em casa e cuidava do serviço doméstico.

O casal brasileiro era muito diferente de nós em muitos aspectos — raça, religião, educação, estilo de vida, passado — mas ao nível humano éramos exatamente iguais. Desta forma quando vi a expressão de seus rostos achei que se uma mudança havia sido possível para eles, seria também possível para nós.

No oitavo dia da nossa estada em Caux, Charles chegou perto de mim e me fez esta maravilhosa mas desconcertante pergunta, "Em que é que você gostaria que eu mudasse?"

Vocês podem imaginar o que significa para uma mulher quando, depois de seis anos de casamento, seu marido lhe faz uma pergunta destas. Foi como abrir uma grande janela para um céu limpo. Charles não acreditava em Deus, e não aceitou a idéia de escutar a voz interior. Mas ele reconheceu que honestidade, pureza, altruísmo e amor eram necessários em política e que seria excelente se nossos líderes fossem mais honestos. Ele também admitiu que todo mundo tem uma consciência e finalmente concordou em tentar a experiência de escutar.

E agora ali estava ele a meu lado, me fazendo esta pergunta. Eu fiquei sem ar. Já que não sou uma pessoa corajosa (enquanto que ele ferve com facilidade) eu sempre tinha tido medo de fazer com que ele se zangasse. Eu costumava suprimir meus sentimentos de raiva com muita freqüência. Muito comovida, ansiosa para não ser muito dura ou tirar vantagens dele, eu me encontrei sem palavras.

Foi então que um pequeno incidente me veio à mente. Isto havia acontecido seis meses antes e havia me deixado muito frustrada. "Você se lembra daquele dia em que eu li o jornal para lhe agradar?" perguntei. "E lhe fiz algumas perguntas porque não havia compreendido tudo? Porque é que você me mandou passear em vez de me explicar as coisas?"

“É, eu me lembro muito bem,” Charles respondeu sério. “Eu lhe disse para sumir porque você fez umas perguntas muito difíceis que eu não sabia responder. Era mais fácil chamar você de burra do que admitir minha ignorância. Eu peço desculpas.”

A rolha da garrafa de champanhe havia saltado fora e a espuma agora podia jorrar livremente. Pela primeira vez estava aberto para nós o caminho para falar de tudo um com o outro, sem medo ou briga.

Nós caminhamos pelo gramado até um banco. Ali, tendo a paisagem à nossa frente, abrimos nossos cadernos e cada um de nós fez quatro longas colunas, uma para cada padrão — honestidade, pureza, altruísmo e amor absolutos — e também uma lista de todas as pessoas cujas vidas estavam envolvidas com a nossa, ele e eu no alto, seguidos por nossos pais, filhos, empregados, trabalhadores, amigos, inimigos. . .

Surpreendentemente, em silêncio e com bastante rapidez começamos a ver onde é que nós havíamos falhado. Eu costumava me julgar tão honesta — nunca havia roubado nem (ou quase nunca) colado no colégio. Mas, e todos aqueles pensamentos secretos que em nome da paz doméstica eu havia tomado o cuidado de nunca revelar a Charles? Será que na realidade eles não eram desonestos? E o retrato daquele maravilhoso marido fictício que pintava nos meus sonhos e representava a fuga da minha realidade tão dura? Não seria isto na verdade uma impureza?

Charles descobriu que sua franqueza comigo geralmente continha traços de crueldade e era totalmente destituída de amor.

Eu me recordo vividamente do ímpeto que se apossou de nós, a liberdade de contar tudo. O quanto tudo parecia verdadeiro e como isto nos deu coragem para ter franqueza sobre as coisas mais difíceis. Foi o momento decisivo na nossa vida, o início de uma confiança total entre nós. Nosso relacionamento se transformou. E nos conduziu a tomar um interesse inteiramente novo pelas outras pessoas.

À medida em que, aos poucos eu fui sendo aliviada de tudo que estava pesando dentro de mim e de todas as decepções que haviam nos mantido distantes, e à medida em que Charles percebeu o quanto suas atitudes haviam me custado,

O PODER DA FAMÍLIA

começou a surgir nele uma terrível descoberta: era o regime colonial que reinava entre nós.

Apesar do nosso orgulho por sermos franceses progressistas e de nos desassociar publicamente do colonialismo, este demônio estava ali dentro de nós. O nosso relacionamento havia sido igual ao relacionamento dos franceses com os marroquinos. Charles era como os franceses que assumiram a autoridade para tomar decisões sem perguntar a opinião dos outros. Eu era como os marroquinos que se mantinham calados com medo das coisas piorarem ainda mais.

Voltamos ao Marrocos com uma nova sensibilidade às necessidades humanas e prontos para escutar a voz de Deus.

Na próxima primavera, houve uma invasão de gafanhotos no Marrocos. Graças à habilidade e devoção de um engenheiro marroquino que estava na chefia do controle de pestes, nossa fazenda e muitas outras foram salvas do desastre. Um dia Charles teve uma idéia que pode parecer simples e óbvia, mas que na realidade não o era, numa época em que franceses e marroquinos dificilmente se encontravam. Ele teve a idéia de ir ver este engenheiro no Ministério da Agricultura e agradecer-lhe por ter feito um serviço tão eficiente.

Charles aproveitou a oportunidade para lhe contar sobre o que havia aprendido em Caux. Ele mencionou os quatro padrões. Isto fez somente aumentar a desconfiança do marroquino, já que ele nunca havia encontrado um colonizador europeu desprezado e começou a se perguntar o que é que estava por trás desta manobra. Ele, no entanto, havia ficado sensibilizado pelo nosso agradecimento, como nos contou mais tarde quando nos tornamos grandes amigos. Ele também mandou saber através dos nossos trabalhadores o que estes pensavam de Charles.

Quando descobriu através deles que em nossa casa havíamos deixado de ter vinho ou álcool, ele ficou intrigado e nos convidou para um almoço. Tenho de admitir que não me senti muito feliz em ir à sua casa, devido a ocorrências esparsas de manifestações contra os franceses, mas durante a refeição nasceu entre nós um relacionamento de confiança verdadeiro.

Ele queria saber o que poderia transformar a mentalidade de um colonizador francês. Algumas semanas mais tarde ele e Charles voaram juntos para Caux. Quando retornaram ao

Marrocos, este engenheiro iniciou uma ação muito corajosa que levou o país à independência sem nenhum derramamento de sangue.*

Durante os últimos onze anos Paul e eu partilhamos nossa casa com uma outra família composta de pai, mãe e um filho que no momento tem dezesseis anos.

Nossos vizinhos costumavam se perguntar como é que conseguimos isto sem entrar em choque. Eles costumavam dizer, "Quer dizer que vocês repartem até a cozinha?" Nós vivemos como uma família. Fazemos todas as refeições juntos. É claro que é muito econômico, só necessitamos de um aspirador de pó, só temos uma conta de gás a pagar, e também plantamos nossos próprios vegetais. Dividimos a limpeza da casa e cada um tem sua tarefa específica, inclusive os homens.

Sempre que havia sido necessário, tomávamos conta dos filhos dos outros e assim tínhamos a liberdade para nos ausentar de tempos em tempos.

As três crianças aprenderam a serem corrigidas pelos outros adultos da casa. Elas aprenderam que não são o centro das atenções, que não há lugar para crises temperamentais e mal humores, que nós todos trabalhamos juntos para receber as pessoas que nos visitam e que cada pessoa que entra em nossa casa deve ser tratada como um dos membros da família.

Numa pesquisa sobre vida em comunidade eu li que muitas delas se desfazem porque cada mulher tem uma idéia definitiva sobre como educar seu filho e acham impossível chegar a um acordo sobre uma maneira comum de pô-la em prática.

Nós tivemos a mesma experiência — nós somos diferentes personalidades de diferentes países. Por exemplo, tínhamos idéias diferentes sobre a comida das crianças. Descobrimos que era necessário fazer regras comuns sobre a hora de ir para a cama quando as crianças eram menores, e decidir quais os programas e durante quanto tempo elas poderiam assistir televisão. Nós tínhamos que ser honestos uns com os outros em todos os assuntos e depois verificar juntos o que era certo. Pode ser que isto tudo soe muito simples mas só funciona se todos tiverem os mesmos valores e o mesmo objetivo básico na vida, de

* História completa em 'Lords of the Atlas' por Gavin Maxwell.

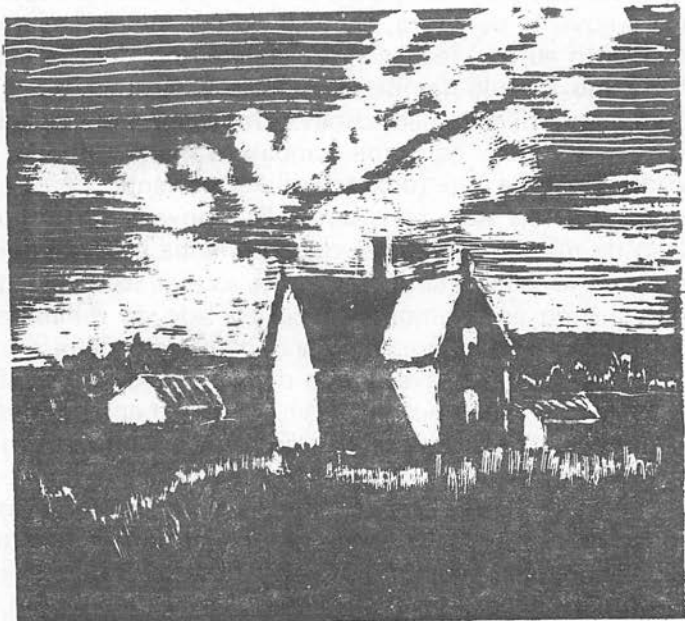
O PODER DA FAMÍLIA

outro modo o provável é que uma das pessoas domine as outras e aí surge a ditadura em lugar da liberdade.

É triste que as coisas tenham mudado recentemente em nossa casa. Minha querida amiga Ann morreu de cancer há alguns meses. Ela possuía uma fé inabalável e aceitou isto como a próxima etapa de Deus para ela e sua família. Agora que ela se foi eu valorizo ainda mais os anos que passamos juntas, sua retidão, sua mente prática, seu senso de humor, mas acima de tudo seu inestimável companheirismo. Ann e Dickie foram verdadeiros amigos e companheiros para mim, especialmente durante as inúmeras viagens de Paul, algumas vezes por meses a fio.

Agora acho que está na hora de passar a palavra a Paul, meu marido.

Eu cresci nas planícies do Canadá num lar moldado por um pastor batista, nascido na região dos planaltos orientais da Escócia, e uma mãe inglesa de Yorkshire.



Num inverno cruelmente frio uma epidemia de gripe dizimou a cidade e o campo. Homens fortes e crianças pequenas sucumbiram, às vezes sem resistência, ao vírus e à subsequente pneumonia. Os antibióticos ainda estavam por serem descobertos.

Minha única irmã, de seis anos de idade, batizada de Edith em homenagem a Edith Cavell, a enfermeira inglesa, que foi baleada por estar ajudando os soldados aliados na Bélgica durante a Primeira Guerra Mundial, pegou a infecção. Minha mãe cuidou de Edith e de alguns vizinhos que estavam excessivamente doentes para se ajudarem uns aos outros.

Na noite em que minha irmã faleceu, eu estava dormindo na cama de meu pai. Minha mãe repousava ao lado da filha doente. Quando acordei de manhã meu pai me disse, "Edith foi se encontrar com Jesus!" Suas últimas palavras para Mãe e Papai foram, "Eu amo a Jesus." Esta simples afirmação de fé na realidade do Invisível mitigou a dor que era por demais profunda para palavras ou lágrimas.

Alguns dias mais tarde, durante o serviço religioso realizado em nossa sala-de-estar, Ben, um enorme fazendeiro de um metro e noventa de altura, ficou ao lado de meu pai. Num certo momento eu o vi fechar a mão de meu pai dentro da dele.

Foi no círculo familiar que eu primeiro aprendi que a dor pode ser utilizada para curar. A morte de minha irmã desenvolveu em meus pais uma compaixão mais profunda, uma delicadeza maior e uma força tranqüila e paciente.

Vinte e seis anos mais tarde, Ben novamente se postou ao lado de meu pai e de mim quando minha mãe nos deixou, e dezessete anos mais tarde Ben estava ao meu lado e de minha esposa quando enterramos meu pai ao lado de minha mãe e irmã. Foi na família que eu aprendi que a verdadeira amizade é um presente inestimável e que dura por toda a vida. Ela é baseada no dar e não no ter. E na família eu aprendi que nenhuma outra força fortalece e aprofunda tanto o espírito quanto o sofrimento.

Em nossa família quando tínhamos nossas diferenças não era questão de agastar-se e envenenar a atmosfera por muito tempo. Conseqüentemente, nós não tínhamos brigas. Meu pai nem sempre concordava com minhas atitudes e opiniões, que entravam em choque com suas crenças mais amadas, mas eu

aprendi que é possível discordar, algumas vezes profundamente, sem ser desagradável.

Eu aprendi sobre o perdão, tanto a buscá-lo quando feria os outros quanto a oferecê-lo incondicionalmente quando eu sentia que havia sido seriamente ofendido.

Aprendi que apesar de ser livre para escolher, eu nunca estava livre para evitar as conseqüências das minhas escolhas.

Um dia eu trouxe para casa umas bolas de tenis que estavam numa quadra perto da escola primária que eu freqüentava. Quando meus pais descobriram, pela primeira e única vez em minha vida, a correia de meu pai foi usada naquela parte da anatomia onde ele calculou que ela fazia o maior bem com o mínimo de estragos. Eu tive de ir ao diretor da escola, contar a ele que eu havia tirado as bolas e devolvê-las.

Aprendi que o sucesso era uma ambição oca e o fracasso um falso medo. Sucesso na concepção de meus pais significava que, independente do resultado, eu havia feito o melhor que eu podia. E eu aprendi em minha casa que escolhas egoístas têm conseqüências muito mais sérias do que o fracasso. Procurar sucesso e evitar fracassos são motivações egocêntricas. Ter consciência do preço de minhas escolhas com relação aos outros fizeram com que descobrisse meu egoísmo. Foi assim que aprendi a me desculpar, reparar os erros e pedir perdão a Deus e ao meu próximo. Verifiquei ser este o caminho direto para a liberdade interior e disciplina e para a transformação.

Em casa aprendi que a sabedoria nasce através da mais elevada obediência. A minha vontade própria era constantemente contrariada. Eu não posso pensar em ninguém em minhas relações que teria me contrariado da forma como meus pais o fizeram, porque eles eram os únicos que me amavam com o suficiente desprendimento para fazê-lo. Contrariar-me algumas vezes com firmeza, algumas vezes com humor, foi uma das melhores coisas que meus pais fizeram por mim.

Um vizinho me viu fumando folhas secas com outros meninos atrás do celeiro. Ele contou a meu pai. Papai me disse, "Porque é que você não convida seus amigos para virem à nossa casa e fumar aqui?" Tínhamos então cerca de oito anos de idade. A sessão de fumo nunca ocorreu. De alguma forma o fascínio de imitar o hábito dos adultos havia desaparecido.

O PODER DA FAMÍLIA

As opiniões de meus pais no que se referia ao relacionamento entre rapazes e moças eram de muito bom senso. A filosofia da minha mãe era, "Meu filho, é mais seguro quando elas são numerosas." "Há muito peixe no mar." Isto me deu a convicção necessária para não criar um elo com uma só moça em exclusão a todas as outras. Ambos acreditavam que os noivos deveriam chegar ao altar sem máculas. Esta disciplina marcou meu casamento com minha esposa, e parece ser uma das pedras fundamentais que dão solidez e permanência à nossa estrutura familiar.

Apreendi também o imenso valor e o encanto do humor nos relacionamentos. Meu pai tinha um punhado de histórias escocesas com as quais ele brindava os freqüentes visitantes de nossa casa e levava nas inúmeras visitas que fazíamos a outras famílias. Ouvir ele e Ben trocando histórias era uma experiência divertidíssima e muito apreciada. Eu pude ver quanto carinho e desprendimento são necessários quando oferecemos hospitalidade e também a recebemos.



Foram meus pais que me levaram pela primeira vez para ouvir o concerto de um pianista. Um mundo novo se abriu para mim. Por vários dias fiquei em estado de transe. Foi uma

O PODER DA FAMÍLIA

experiência que me atingiu no mais profundo do meu ser. Mãe mesmo era uma boa pianista e cantora. Eu devo ter herdado alguns gens que vibram com boa música, mas evidentemente não os gens necessários para produzi-la.

Foi em casa que entrei em contacto com o valor da literatura, começando com a Bíblia e Shakespeare. Isto me vacinou contra a mediocridade.

Mas o maior tesouro que recebi em minha casa foi a fé. Eu vi em meus pais a realidade do Invisível. Observei ao vivo que Deus podia e iria satisfazer minhas necessidades, me guiar e perdoar e, se eu lhe pedisse, me transformar. A fé de meus pais era real porque era praticada. Isso eu podia constatar no tratamento que um dispensava ao outro, sua atenção para com os vizinhos e na conformação com a morte de minha irmã. Era uma fé que se transmitia não devido à sua perfeição mas por causa de sua honestidade. Uma vez eles me disseram que haviam tentado ser um modelo de família para mim, mas que um modelo para ser eficaz tem de ser perfeito. Eles não eram perfeitos. Eles tinham suas diferenças e seus mal-entendidos, mas nunca me falaram deles. Um dia eles me disseram, "Se nós não fôssemos honestos com você quando estávamos errados, como é que poderíamos esperar que você fosse honesto conosco quando você estivesse errado?"

Eu agora procuro colocar em prática estes ensinamentos com as minhas filhas.

Foi em nossa vida familiar que encontrei o sentido da existência e o objetivo da vida, 'Procure primeiro o reino de Deus'. Sua vontade seja realizada em mim e na Terra. Tentar agradar o Todo Poderoso em meus pensamentos, palavras e ações. Porque meus pais se mantiveram fieis aos padrões de Cristo de que certo é certo e errado é errado, eu comecei a compreender que somente eu e mais ninguém era responsável por minhas ações e circunstâncias e meu futuro. Um sentido absoluto do que é certo e errado não deixa lugar para culpar os vizinhos ou a má sorte ou a sociedade. A responsabilidade por minha vida é somente minha.

Minha mulher tem o dom de ser direta e honesta comigo e com as crianças em sua percepção de onde é que precisamos ser diferentes a fim de agir de maneira diferente. Ela simplesmente diz o que precisa ser dito sem ficar remoendo o

assunto. Quando se deixa a verdade tomar conta de si própria ela se torna uma faca de dois gumes. Se ela insistisse, nem que fosse um pouquinho, aí então eu poderia brigar com ela sobre os detalhes! Mas deixar-me com uma declaração simples e honesta significa que tenho de resolver o assunto em meu próprio coração.

Eu as vezes, tenho sido absorvido pela importância do meu próprio trabalho, mas aprendi a considerar minhas filhas tão importantes quanto qualquer líder político, empresário ou cientista. Eu sei que é fácil para mim amar minhas filhas, mas difícil ser sábio. Necessito a sabedoria e o discernimento que a orientação de Deus traz.

Aprendemos em nossa vida em família que a autoridade final não está com o Papai nem com a Mamãe ou naquilo que as crianças querem, mas no que Deus quer, naquilo que está certo. Nós achamos que escutar juntos, deixar falar a voz da verdade no mais profundo de nossos corações nos traz satisfação e clareza, seja que se trate de pequenas ou grandes decisões.

A voz interior nos dá o desejo — e a liberdade — de obedecer naquilo que não poderíamos aceitar de outra maneira. Esta voz fala tão clara e sabiamente a uma criança quanto a um adulto.

Recentemente minha filha mais moça escreveu algumas linhas em seu caderno. Comoveu-me muito escutar a idéia que ela fez do papel de um pai:

Você é minha criança

Você é a criança de seu pai

E Eu sou seu Pai.

Que todo pai seja segundo a minha imagem

Todos os pais têm de tomar meu lugar na vida

Portador de união sobre a terra

Fazendo com que todos os homens, sejam irmãos.

Ser pai ajudou-me a compreender as relações de Deus para com seus filhos, pois imperfeito como sou, estou profundamente interessado em tudo que diz respeito à vida de minhas filhas — a qualidade de governo sob o qual elas vivem, as condições de nossa sociedade, a qualidade da educação, a água que

O PODER DA FAMÍLIA

bebem. Tudo o que toca em suas vidas me diz respeito, e eu não consigo ver meu Pai Celestial nem um pouco menos interessado em todos os aspectos do nosso bem estar — político, econômico e social — do que eu estou no bem estar de minhas filhas. Seu interesse não está limitado ao estado do meu espírito, por mais vital que isto seja.

Em nossa família temos um objetivo: colocar as nações e as pessoas no trilho da vontade divina em todos os aspectos da vida. Este objetivo dá perspectiva à rotina cotidiana e um sentido de direção e proporção às nossas vidas. Este objetivo é o cimento que nos mantém unidos, eleva nossos valores e nos ajuda em nossas escolhas.

Se existe uma associação de pessoas melhor equipadas do que a família para transmitir estes preciosos dons à próxima geração e aos nossos contemporâneos, ela que se apresente. Mas até lá a família é a melhor escola até agora conhecida para adquirir a arte de viver. Ela poderia ser chamada o instrumento do Todo Poderoso para promover a evolução moral e espiritual de toda a família humana.

Sugerimos a leitura dos seguintes livros:

PARA A CRISE MUNDIAL – UMA RESPOSTA

Dr. Frank N. D. Buchman

O iniciador do Rearmamento Moral expõe, nessa coletânea de extratos de seus discursos, sua filosofia básica, abrangendo exemplos de soluções internacionais, inclusive na vida familiar.

O SEGREDO DE FRANK BUCHMAN

Peter Howard

Resumo biográfico. Ele tinha um segredo e com ele construiu uma força mundial.

O LIVRO PRETO E BRANCO

Manual prático para conhecer o papel que nos cabe para construir um mundo de justiça e dignidade para todos os povos do mundo.

REVOLUÇÃO DE ESPERANÇA

Gabriel Marcel

O autor reúne experiências colhidas de invíduos nos quatro cantos do mundo cuja aplicação das idéias do Rearmamento Moral tem resultado em significativas transformações sociais.

E AGORA, AONDE IREMOS?

Um guia seguro para compreender o mundo em que vivemos, as molas que o movem e o que fazer por ele.

UMA LUZ NAS TREVAS

Victor Sparre

Os contatos pessoais do autor norueguês, conhecido artista plástico, com dissidentes russos tais como Solzhenitsyn, Sakharov, Bukovsky, Galitch – e o dinamismo espiritual que os move.